



ANDREIA MARIA MICAI GATTI

**HANDEBOL EM CADEIRA DE RODAS: DIRETRIZES PARA A
CLASSIFICAÇÃO**

**CAMPINAS
2013**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ANDREIA MARIA MICAI GATTI

**HANDEBOL EM CADEIRA DE RODAS: DIRETRIZES PARA A
CLASSIFICAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do Título de Mestre em Educação Física, na Área de Atividade Física Adaptada.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA ANDREIA MARIA MICAI GATTI E ORIENTADA PELO PROF. DR. JOSÉ IRINEU GORLA.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "J. Gorla".

Assinatura do orientador

**CAMPINAS
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
ANDRÉIA DA SILVA MANZATO – CRB8/7292
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA UNICAMP

G229h Gatti, Andreia Maria Micai, 1976-
Handebol em cadeira de rodas : diretrizes para a classificação / Andreia Maria
Micai Gatti. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.

Orientador: José Irineu Gorla.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação Física.

1. Esporte paralímpico. 2. Esportes em cadeira de rodas. 3. Handebol em
cadeira de rodas. 4. Handebol. I. Gorla, José Irineu. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Wheelchair handball: guidelines for classification

Palavras-chave em inglês:

Wheelchair sports

Wheelchair handball

Handball

Paralympic Games

Área de concentração: Atividade Física Adaptada

Titulação: Mestra em Educação Física

Banca examinadora:

José Irineu Gorla [Orientador]

Decio Roberto Calegari

Edison Duarte

Data de defesa: 17-12-2013

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA



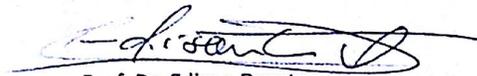
Prof. Dr. José Inneu Gorla

Orientador



Prof. Dr. Decio Roberto Calegari

Membro Titular



Prof. Dr. Edison Duarte

Membro Titular

RESUMO

A classificação no esporte paralímpico faz parte das regras da competição, desempenhando um papel importante para minimizar as diferenças entre os atletas de diferentes deficiências. A classificação possui duas funções importantes que são determinar a elegibilidade para competir e agrupar os atletas para a competição. O Código de Classificação e Normas Internacionais do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) detalha políticas e procedimentos que devem ser comuns na classificação em todos os esportes. O Handebol em Cadeira de Rodas (HCR) é uma modalidade que vem sendo praticada no Brasil com padronização das regras e de caráter competitivo desde o ano de 2005. Por ser um esporte recente, e ainda não contar com um sistema de classificação funcional próprio para a modalidade, este estudo tem como objetivo propor um sistema de classificação funcional, estabelecendo os critérios e padrões a serem utilizados de acordo com o Código de Classificação e Normas Internacionais do IPC. Para tanto, este trabalho foi dividido em dois capítulos: (I) “Classificação no esporte paralímpico: Revisão de Literatura”, onde uma revisão sistemática da classificação no movimento paralímpico foi elaborada, e (II) “A classificação para o Handebol em Cadeira de Rodas”, capítulo onde foram abordadas todas as normas e políticas para serem adotadas para a prática do HCR como: história da classificação do HCR; princípios, propósitos e componentes; classe esportiva; status de classe esportiva; elegibilidade para competir; critérios de elegibilidade mínima; pontuação dentro de quadra; avaliação física; avaliação de movimentos funcionais; observação em quadra; componentes da avaliação do atleta; provas de função muscular; valores dos testes manuais e pontuação dos membros superiores, membros inferiores e tronco; características das classes esportivas; procedimentos da classificação; protestos; recursos; elegibilidade para ser um classificador e certificação do classificador. Desta forma, o presente estudo estabelece as diretrizes que irão nortear o procedimento da classificação funcional no HCR.

Palavras chave: Classificação no esporte paralímpico, Classificação no esporte em cadeira de rodas, Classificação Funcional no esporte em cadeira de rodas, Handebol.

ABSTRACT

Classification in Paralympic sports is a part of competition regulation, playing an important role in minimizing the differences among athletes different disabilities. Classification has two important roles that are, to determine the eligibility to compete and to group athletes for competition. The Classification Code and International Standards of the International Paralympic Committee (IPC) details policies and procedures that should be common to all sports. Since 2005, wheelchair handball (WH) has been playing in Brazil, following standardized regulation, mainly aiming competitive events, As WH is a relatively recent sport and still has not its own classification system, this research aims to propose a functional classification system, setting out the criteria and standards to be used in accordance with the Classification Code and International Standards. This study was divided into two chapters: (I) "Classification in Paralympic Sports: a Literature Review" which is a systematic review of classification on Paralympic Sports, and; (II) "Classification for wheelchair handball", a chapter where the regulaments and policies to be adopted for the practice of WH were discussed and subdivided into these different topics: history of the WH classification; principles, purposes and components; class sport; sport class status; competitive eligibility; minimum score for eligibility criteria within court; physical evaluation; assessment of functional movements; court observation; athletes assessment; manual muscle testing ; scoring manual testing (upper limb, lower limb and trunk); characteristics of sports classes; classification procedures, protests, appeals, eligibility to become a classifier and classifier certification. Therefore, the current study tries to establish a guideline that might help the procedures for the WH functional classification system.

Key-words: Classification in paralympic sports, Classification in wheelchair sports, Functional Classification in wheelchair sports, handball.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	1
1.1 - Objetivo Geral	4
1.1.1 - Objetivos Específicos.....	4
CAPÍTULO 1 - CLASSIFICAÇÃO DO ESPORTE PARALÍMPICO: REVISÃO DE LITERATURA	5
1.1 – Introdução	5
1.2 – Metodologia.....	12
1.3 – Resultados e Discussões.....	13
1.4 – Conclusão	27
CAPÍTULO 2 – A CLASSIFICAÇÃO PARA O HANDEBOL EM CADEIRA DE RODAS	28
2.1- Introdução.....	28
2.3 - Princípios, Propósitos e Componentes da Classificação no HCR.....	31
2.4- Classe Esportiva e Status de Classe Esportiva	31
2.5 - Elegibilidade para o HCR	31
2.5.1- Critérios de Elegibilidade Mínima.....	33
2.6 - Avaliação Física ou Teste de Banco	33
2.7 - Avaliação de Movimentos Técnicos- Testes de movimentos funcionais.....	34
2.8 - Avaliação por Observação - Observação em quadra.....	35
2.9 Componentes da Avaliação do Atleta	36
2.9.1 Teste de Escala da Força Muscular	36
2.9.2- Valores dos testes manuais e Pontuação dos membros superiores, inferiores e tronco para o HCR 4.....	37
2.9.3 Características das Classes Esportivas	40
3.0- Procedimentos da Classificação	43

3.1- Atribuição à classe esportiva.....	43
3.1.1- Classe Esportiva.....	44
3.1.2 Status da Classe Esportiva.....	44
3.2 Etapas para Avaliação do Atleta.....	46
3.2.1 - Apresentação do Atleta para Avaliação.....	46
3.2.2 - O Termo de Consentimento.....	48
3.2.3 Instruções para o Processo de Classificação.....	48
3.2.4 - Avaliação do Atleta.....	49
3.2.5- Atribuição da Classe Esportiva Inicial e do Status da Classe Esportiva.....	49
3.3- Notificações de Terceiras Partes	50
3.1.1 - Mudanças na Classe Esportiva resultado da avaliação por observação.....	50
3.1.2- Cartão de Classificação.....	51
3.4- Responsabilidades do atleta	51
3.4.1- Não comparecimento à convocação da Classificação.....	52
3.5- Não cooperação durante à avaliação	52
3.6- Representação Intencional de Habilidades.....	53
4.0 - Protestos	53
4.1 - Princípios Gerais	53
4.2 - Submissão dos Protestos	54
4.3 - Oportunidades de Protestos	54
4.4- Circunstâncias Excepcionais	55
4.5- Procedimentos para Submissão de Protesto	55
4.5.1 - Submissão de Protesto Prévio para Competição.....	56
4.5.2 -Submissão de Protestos Durante a Competição.....	56
4.6 - A banca de Protesto durante a Competição	57

4.7- Resolução do protesto	58
4.8- Notificação da decisão do protesto.....	60
4.8.1 - Informar os atletas das decisões de classe esportiva e resultado de auto-protesto.....	60
4.8.2- Informar as decisões da classe esportiva como resultado de um protesto de outra equipe.	60
4.9 - A decisão do protesto: tempo limite	61
5.0 - Recursos	61
6.0 - Elegibilidade para se tornar um classificador	61
6.1- O Classificador	61
6.2 - Do aprendiz de classificação.....	62
7.0 - Certificação do Classificador	63
7.1 - Os Critérios de certificação	64
7.2 - Avaliação das competências	65
7.3 - Aprovação das competências	66
7.4 - Código de Ética do classificador	66
7.5 - Níveis de Certificação Internacional	67
7.6 - Avaliação de Competências.....	69
8- Discussão	70
10 - Referências Bibliográficas	74
ANEXO I- Ficha de Classificação....	79
ANEXO II - Ficha de observação em quadra.....	79
ANEXO III- Termo de Consentimento de Classificação da IWHF.....	81
ANEXO IV- Formulário de Protesto	82
ANEXO V- Código de Ética	83
ANEXO VI- Ficha de certificação do Classificador	84

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a Deus e a
minha família que contribuíram
para que esse sonho pudesse ser
possível.*

AGRADECIMENTOS

Eu não teria chegado aonde cheguei se não fosse com a ajuda de Deus, pois eu sei que Ele guia cada passo meu.

Agradeço a minha família que não mediram esforços para estar hoje completando esse ciclo, obrigada mamãe (Neusa), papai (Alcides), vocês são TUDO em minha vida. Minha irmã Adriana, cunhado Cadu, sobrinho Caduzinho, tia Estela, tio Roberto e Nair, obrigada pelos incentivos e pelo carinho. Minha amada avó materna, Maria Angélica que antes de falecer me deixou palavras sábias de encorajamento e fé que foram lembrados em momentos de desânimo, não me deixando desistir dos meus sonhos e objetivos.

Gostaria também de agradecer ao meu orientador José Irineu Gorla, que abriu as portas para o esporte paralímpico me orientando e direcionando para a área de classificação me aconselhando ,incentivando e apoiando em situações muitas vezes delicadas. Bem como ao Professor Edison Duarte um grande entusiasta e incentivador da classificação e também a classificadora internacional nível IV da IWRF, Dr^a Emile Newell, por ser a responsável pelo todo conhecimento que tenho como classificadora.

Agradeço à ABRHACAR, desde a diretoria, comissão de arbitragem, comissão de classificação, equipes, técnicos, apoio, voluntários, mecânicos e principalmente aos atletas pelo carinho, amizade, respeito, admiração e pelos momentos agradáveis que tivemos juntos dentro e fora da quadra todos estes anos. Sempre será um grande prazer e orgulho fazer parte desta associação.

Não poderia deixar de agradecer a todos os amigos que direta ou indiretamente foram essenciais nesse período todo. Aos amigos: Luis Felipe, Luizinho, Nathalia (Naty), Ênia, Vivian (Vivi), Leonardo (Léo), Fábica, Aldre, Ricardo, Samy, Tereza, Ana Amélia e Solange. Aos amigos de laboratório (LAMA): Anselmo, Pena, Tiago, Cris, as meninas: Poly, Sheila, Marília, Mari, Priscila, Aline, Jalusa, Gabi.
Obrigada a todos!!!

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Classificação dos artigos e respectivos países.....	13
Tabela 2- Classificação dos artigos estudados e Modalidades.....	14
Tabela 3- Classificação dos artigos e áreas de conhecimento.....	14

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Descrição da classificação internacional pela ISMGF.	6
Quadro 2: Descrição da classificação internacional pela ISMGF após os Jogos da Alemanha em 1972	6
Quadro 3: Descrição da Classificação Internacional Médica.....	7
Quadro 4: Classificação para amputados.....	7
Quadro 5: Classificação para Les Autres	8
Quadro 6: Classificação para Paralisados Cerebrais	9
Quadro 7 – Classificação do BCR e Desempenho Motor	15
Quadro 8 – Classificação do Basquete e Desempenho motor & Desempenho Fisiológico; Desempenho Fisiológico, Biomecânica e Validação de Protocolo.	17
Quadro 9- Classificação do Atletismo e Áreas envolvidas	20
Quadro 10 - Classificação da Natação e Desempenho Motor.	22
Quadro 11- Classificação do Atletismo & Natação e Áreas de conhecimento	23
Quadro 12- Classificação do Rugby e Áreas de conhecimento.....	24
Quadro 13- Classificação e Modalidades Gerais e Esqui.....	26
Quadro 14- Escala de pontos dos testes musculares.....	36

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBHb – Confederação Brasileira de Handebol

IHF – International Handball Federation

IPC – International Paralympic Committee

ISMGF- International Stoke Mandeville Games Federation

ISMWSF- International Stoke Mandeville Wheelchair Sports Federation

ISOD – International Sports Organization for Disabled

CP-ISRA – Cerebral Palsy-International Sports and Recreation

FI – Federações Internacionais

IBSA- International Blind Sports Association

INAS-FID- International Sports Federation for Persons with Intellectual Disability

IWAS – International Wheelchair & Amputee Sports

BCR- Basquete em cadeira de rodas

CBSG- Comprehensive Basketball Grading System

AIS- American Spinal Injury Association Impairment Scale

CF- Classificação Funcional

PLME- Pessoas com Lesão Medular Espinhal

LME- Lesão Medular Espinhal

VO_{2pico} - Consumo pico de oxigênio

3D- Tridimensional

MMSS- Membros Superiores

MMII- Membros Inferiores

RCR- Rugby em cadeira de rodas

F- Field

S- Swimming

SB- Swimming Breaststrok

HCR – Handebol em Cadeira de Rodas

AMA – Atividades Motoras Adaptadas

HCR 7- Handebol em Cadeira de Rodas

HCR4- Handebol em Cadeira de Rodas com 4 jogadores

FM- Força Muscular

IWHF- International Wheelchair Handball Federation

ABRHACAR- Associação Brasileira de Handebol em Cadeira de Rodas

1 – INTRODUÇÃO

A prática do Handebol na perspectiva atual apresenta controvérsias com relação às origens, sendo o handebol de campo praticado na Alemanha no período da primeira Grande Guerra (1915 a 1918) decisivo para o desenvolvimento do esporte, quando o professor de ginástica Berlinense Max Heiser criou um jogo ao ar livre derivado do “Torball” para as operárias da Fábrica Siemens, que teve o campo aumentando para as medidas do futebol quando os homens começaram a praticá-lo. Em 1919, o professor alemão Karl Schelenz reformulou o “Torball”, alterando seu nome para “Handball” para o jogo com 11 jogadores (ABHb,2013).

Contudo, o Handebol de Salão, segundo Cunha, Libertato e Irineu (1995) surgiu nos países do norte da Europa (Suécia, Dinamarca e Noruega), como uma prática popular que exigia durante os rigorosos invernos a adaptação dos treinos e jogos em locais cobertos, ocasionando a redução no número de jogadores. No entanto, países como a Dinamarca, Alemanha e Suécia são considerados como os pioneiros do handebol dos tempos modernos (IHF, 2013).

Por outro lado, o Handebol de Salão evoluiu e popularizou-se, dentre os fatos marcantes dessa evolução e popularização está seu retorno ao quadro de modalidades oficiais olímpicas em 1972, nos Jogos Olímpicos de Munique. Na opinião de Prudente, Garganta e Anguera (2004) este foi o marco principal para sua implantação e expansão internacional, que possibilitou uma significativa evolução técnico-tática.

No Brasil, o Handebol teve sua prática inicial com o Handebol de Campo, na década de 30 em virtude da chegada ao Brasil de numerosos imigrantes da colônia alemã, principalmente nos estados do sul. O estado de São Paulo foi o pioneiro a desenvolver o esporte até a década de 60, quando o professor francês Augusto Listello, durante um curso internacional em Santos, apresentou o Handebol de Salão aos professores de outros estados (ABHb, 2013).

O handebol de areia teve origem no início da década de 90, na Itália, com adaptações de regras do handebol de quadra, com a finalidade de tornar o jogo na areia mais dinâmico. No XXV Congresso da Federação Internacional de Handebol (IHF), em Noordwijik – Holanda, em 1994 ocorreu a apresentação do handebol de areia para os participantes de todo o mundo e foi realizada uma partida de demonstração entre Holanda e Itália (RIBEIRO, RIBEIRO, 2007).

Em 1995, uma resolução do Conselho da IHF adota oficialmente o handebol de areia. As primeiras regras oficiais foram apresentadas em 1996, no XXVII Congresso da IHF, em Hilton Head – Estados Unidos da América, e divulgadas através de uma publicação da IHF Beach Handball – Rules of the Game.

No Brasil, o presidente da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), o professor Manoel Luiz de Oliveira, participou desse XXV Congresso da IHF, interessou-se pela modalidade e angariou recursos junto ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) para, em 1995, no Brasil, realizar o I Torneio Internacional de Handebol de Areia entre seleções masculinas (RIBEIRO, RIBEIRO, 2007).

O fato gerador do interesse em resgatar as ações práticas que tiveram por objetivo adaptar o jogo de handebol para pessoas com deficiência foi o encontro de três trajetórias profissionais: a vivência do Professor Ms. Décio Roberto Calegari na modalidade, implantação do Projeto de Atividades Motoras Adaptadas (Projeto AMA-2000), idealizado pelo Professor Dr. José Irineu Gorla junto ao Curso de Educação Física da Universidade Paranaense e coordenado pelo professor Ricardo Alexandre Carminato junto a Universidade Paranaense-UNIPAR CAMPUS TOLEDO (CALEGARI, GORLA, ARAUJO, 2010).

O HCR é uma modalidade que vem sendo praticada no Brasil com padronização das regras e caráter competitivo desde o ano de 2005 por ocasião de um estudo que possibilitou a adaptação do esporte (CALEGARI, GORLA, CARMINATO, 2005).

A primeira equipe formada foi a UNIPAR CAMPUS TOLEDO que reuniu na ocasião quinze pessoas com deficiências o que exigiu improvisações e adaptações do jogo para uma quantidade menor de atletas, levando a criação de duas modalidades: o Handebol em Cadeira de Rodas com sete jogares (HCR7), e que adapta as regras do Handebol de Salão e o Handebol em Cadeira de rodas com quatro jogadores (HCR4), que adapta as regras do Handebol de Areia. (CALEGARI, GORLA, ARAUJO, 2010).

Em 2009 com a realização do 1º Campeonato Brasileiro de HCR em Toledo-PR, houve um grupo de trabalho específico para a Classificação Funcional formado pela Fisioterapeuta Andréia Gatti, pelos educadores físicos Adriana de Souza e Luiz Fernando Cavalli que, sob a coordenação do professor Dr. Edison Duarte apresentaram uma classificação funcional voltada para o handebol com 10 classes esportivas. (CALEGARI, 2010).

Após o 1º Campeonato Brasileiro de HCR em Toledo-PR e a convite do professor Drº Decio Calegari e presidente da ABRHACAR, surge a proposta pioneira para a criação da comissão de classificação funcional. No qual, a administração da comissão estava sob a responsabilidade de Andreia M. M. Gatti.

Em 2010, o prof. Dr. Decio Calegari, publicou em sua tese de Doutorado “Adaptação do handebol para a prática em cadeira de rodas” um capítulo relacionado aos aspectos da classificação funcional no handebol em cadeira de rodas, pré-estabelecido pelo departamento de classificação da ABRACAR e posteriormente foi colocado em prática durante o ano de 2011 nos principais eventos da modalidade.

O HCR é uma modalidade que abrange um grande número de atletas com diferentes tipos de deficiências físicas e a acomodação destes atletas em uma classe esportiva fazendo a relação deficiência e limitação da atividade (fundamentos técnicos do HCR), juntamente com a evolução dos sistemas de jogo, são mecanismos que propiciam o dinamismo no processo de classificação. A partir disso, surge o interesse do estudo, em reduzir o número de classes para a prática do HCR, visto que, durante a observação em quadra, o volume de ação, assim como os testes de força, não apresenta diferenças consistentes que justificassem a diferenciação das classes esportivas. Portanto, a proposta do estudo é a de reestruturar as 10 classes funcionais proposta por Calegari (2010) para 7 classes, além de propor um sistema de classificação para o HCR. Dessa forma, espera-se contribuir na garantia da igualdade de competição entre os atletas de acordo com o nível funcional.

Para simplificar o acesso às informações, este estudo está organizado em capítulos. Sendo o primeiro capítulo intitulado como “Classificação do Esporte Paralímpico: revisão de literatura”. Nele realizou-se uma revisão de literatura sistemática cuja finalidade foi apresentar os artigos publicados referentes a classificação do esporte paralímpico ,os aspectos abordados com relação as áreas de conhecimento e modalidades envolvidas.

O segundo capítulo intitulado como “O sistema de Classificação para o Handebol em Cadeira de Rodas” aborda diretamente o foco deste estudo, no qual será apresentada a metodologia para a construção e elaboração da classificação funcional do handebol em cadeira de rodas seguindo as orientações do Código Internacional de Padrões Internacionais do Comitê Paralímpico Internacional- IPC.

1.1 - Objetivo Geral

Este estudo tem como objetivo propor um sistema de classificação funcional, para a prática de Handebol em Cadeira de Rodas- HCR.

1.1.1 - Objetivos Específicos

- a. Determinar critérios de elegibilidade para competir, reestruturar as 10 classes para 7; fornecer material teórico para CF;
- b. Estabelecer os critérios e padrões a serem utilizados de acordo com o Código de Classificação e Padrões Internacionais do Comitê Paralímpico Internacional-IPC.

CAPÍTULO 1 - CLASSIFICAÇÃO DO ESPORTE PARALÍMPICO: REVISÃO DE LITERATURA

1.1 – Introdução

O surgimento do movimento paralímpico foi baseado num modelo centrado nas práticas de reabilitação e de lazer (BAILEY, 2008). No ano de 1944, o neurocirurgião alemão Ludwig Guttman começou a trabalhar na Unidade de Lesões Medulares em Stoke Mandeville, em Aylesbury (Inglaterra) incorporando a prática esportiva como um processo de extensão da reabilitação (TWEEDY, HOWE, 2011).

A prática de atividades competitivas pelas pessoas com lesão medular e outras deficiências similares servia como elemento motivador para que elas buscassem uma integração com o ambiente não hospitalar (BAILEY, 2008). As primeiras atividades esportivas foram tiro com arco, pólo e Netball (basquete com ausência de tabela).

Os primeiros Jogos de Stoke Mandeville coincidiram com o dia da abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948. A competição foi entre dois centros de reabilitação britânico, com 26 atletas, disputando o tiro com arco. (ROSEN, 1973). No ano de 1952, foi realizado os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville (Grã Bretanha e Holanda) e em 1960 na cidade de Roma, ocorreu a nona edição dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, que passou a ser considerado posteriormente como os Primeiros Jogos Paralímpicos. As modalidades disputadas foram: atletismo, natação, esgrima em cadeira de rodas (ECR), tênis de mesa, tiro com arco, basquete e sinuca (IPC, 2009).

O período entre 1960 e 1980 foi chamado pelo pesquisador Bailey (2008) como a Era do Desenvolvimento no qual o crescimento do Movimento Paralímpico ocorreu, porém de maneira isolada e baseado em um modelo médico.

Nesse modelo, para que a competição fosse realizada com certa equidade entre os atletas foi criada a classificação esportiva baseada na classificação médica. A estrutura da classificação médica refletia a estrutura do hospital de reabilitação, com classes separadas por pessoas com lesão medular, amputações, alteração cerebral e outras em condição neurológica ou ortopédica (TWEEDY, HOWE, 2011).

Os sistemas de classificação foram desenvolvidos por várias federações internacionais esportivas e utilizados em todos os esportes. A primeira Federação Internacional foi a International Stoke Mandeville Games Federation (ISMGF), fundada em 1960, que baseado no modelo médico desenvolveu o sistema de classificação para pessoas com lesão medular. A primeira descrição desta classificação encontrada na literatura foi descrita por Rosen (1973^a), que relata que esta classificação foi utilizada durante os Jogos de Heidelberg na Alemanha em 1972. (Quadro 1). Após os Jogos da Alemanha, Rosen (1973^b) relatou mudanças na classificação internacional da ISMGF nas classes IV, V e VI, descrito no quadro 2.

Quadro 1: Descrição da classificação internacional pela ISMGF.

Classe	Descrição
IA	Cervicais sem tríceps ou muito fracos (força3)
1B	Cervicais com tríceps bom (força4-5) e 1º segmento dorsal
II	Abaixo de T1 até T5
III	Abaixo de T5 até T10
IV	Abaixo de T10 até L3
V	Função Muscular nos MMII pontuação máxima: 10-29.
VI	Função Muscular nos MMII pontuação: 30-50(para) e 30-45(pólio)

Fonte: Rosen (1973^a)

Após os Jogos da Alemanha, Rosen (1973^b) relatou que não houve mudanças nas classes IA, IB, II e III na classificação internacional da ISMGF, mas houve mudanças nas classes IV, V e VI, descritas no quadro 2.

Quadro 2: Descrição da classificação internacional pela ISMGF após os Jogos da Alemanha em 1972

Classe	Descrição
IA, IB, II e III	Sem mudanças
IV	Sem função de quadríceps ou com força suficiente apenas para vencer a gravidade e com paralisia de glúteos.
V	Função Muscular nos MMII pontuação máxima: 10-39.
VI	Função Muscular nos MMII pontuação: 40-60(para) e 40-50 (pólio)

Fonte: Rosen (1973^b)

Vanlandewijck e Chappel (1996) descreveram a classificação que incluía elementos funcionais, utilizada pela ISMWSF (1993) (Quadro 3). Segundo os mesmos autores, o nome da ISMGF foi modificado para ISMWSF (International Stoke Mandeville Wheelchair Sports Federation) para permitir que outros atletas, além da lesão medular pudessem fazer parte de competições sancionadas.

Quadro 3: Descrição da Classificação Internacional Médica

Classe	Descrição
IA	Nível da Lesão C4-C6. Todos os 4 membros envolvidos. Tríceps: 0-3 de acordo com a escala do Conselho de Pesquisa Médica. Não apresenta equilíbrio sentado e não anda.
IB	Nível da Lesão acima de C7. Todos os 4 membros envolvidos. Tríceps: 4-5. Flexão e extensão de punho fracos (0-3). Não apresenta equilíbrio sentado.
IC	Nível da Lesão acima de C8. Todos os 4 membros envolvidos. Tríceps: 4-5. Boa flexão e extensão de punho (4-5). Não apresenta equilíbrio sentado. Função fraca dos interósseos e lumbricais (0-3).
II	Nível da Lesão T1-T5. Envolvimento do tronco e de MMII. Sem função dos músculos abdominais (0-2). Não apresenta equilíbrio sentado.
III	Nível da Lesão T5-T10. Envolvimento dos abdominais e de MMII. Músculos abdominais superiores bons. Não utiliza os abdominais inferiores e extensores de tronco. Leve capacidade de manter equilíbrio sentado.
IV	Nível da Lesão T10-L2. Envolvimento dos MMII. Músculos abdominais e extensores da coluna bons. Quadríceps: força fraca ou inexistente. Controle limitado de glúteo (0-2). Pontos: LME: 1-20 e poliomielite: 1-15. Bom equilíbrio.
V	Nível da Lesão abaixo de L2. Controle de quadríceps bom ou razoável (3-5). Músculos abdominais e equilíbrio sentado bom. Pontos: LME: 21-40. Poliomielite: 16-35.
VI	Nível da Lesão abaixo de L2. Pontos: LME: 41-60. Poliomielite: 36-50. Subdivisão da Classe V para a natação.

Fonte: Vanlandewijck e Chappel (1996)

Em 1964, foi fundada ISOD: International Sports Organization for Disabled, que criou um sistema de classificação para amputados, que incluía ambas as etiologias: congênita ou adquirida (Quadro 4).

Quadro 4: Classificação para amputados.

Classe	Descrição
A1	Amputação bilateral: acima ou na articulação do joelho.
A2	Amputação unilateral: acima ou na articulação do joelho.
A3	Amputação bilateral: acima ou na articulação do tornozelo.
A4	Amputação unilateral: acima ou na articulação do tornozelo.
A5	Amputação bilateral: acima ou na articulação do cotovelo.
A6	Amputação unilateral: acima ou na articulação do cotovelo.
A7	Amputação bilateral do cotovelo: acima ou na articulação do punho.
A8	Amputação unilateral do cotovelo: acima ou na articulação do punho.
A9	Combinação de amputação de MMII E MMSS.

Fonte: Vanlandewijck e Chappel (1996)

E essa associação criou também um sistema de classificação funcional para Les autres, (termo francês para as outras patologias), que incluíam uma variedade de deficiências locomotoras como: artrodese, artrose de articulações maiores, anquilose, espondilose Anquilosante, seqüelas da síndrome Guillain-barré, esclerose múltipla, distrofia Muscular, ataxia de Friedrich, artrogripose e osteogênese imperfeita (VANLANDEWIJCK, CHAPPEL, 1996). (Quadro 5).

Quadro 5: Classificação para Les Autres

Classe	Descrição
1	Usuário de cadeira de rodas. Redução de força muscular, mobilidade ou espasticidade nos MMSS. Equilíbrio sentado fraco.
2	Usuário de cadeira de rodas. Função normal dos MMSS com equilíbrio sentado de fraco a moderado
3	Usuário de cadeira de rodas. Função normal dos MMSS com equilíbrio sentado normal.
4	Ambulantes com ou sem muletas ou aparelhos, função reduzida nos MMSS e alteração no equilíbrio. Nota: permitido ao atleta usar órteses ou muletas se desejar. O lançamento pode ser feito parado ou em movimento nas classes L4 e L5.
5	Ambulantes com função normal de MMSS, mas com função reduzida nos MMII e alteração de equilíbrio.
6	Ambulantes com função normal de MMSS, com mínima função de tronco ou MMII com deficiência suficiente para dar uma desvantagem relativa a atletas sem deficiência nos eventos de lançamento.

Fonte: Vanlandewijck e Chappel (1996)

Em 1968 a fundação da Cerebral Palsy-International Sports and Recreation Association: CP-ISRA desenvolveu o sistema de classificação para pessoas com Paralisia Cerebral, baseada em avaliação funcional para as seguintes modalidades: atletismo e natação (Quadro 6).

Quadro 6: Classificação para Paralisados Cerebrais

Classe	Descrição
1	Quadriplegia (tetraplegia): Severa. Graduação da espasticidade: de 4 para 3+, com ou sem atetose ou função da amplitude de movimento e força fraca de MMSS e tronco, ou atetose severa com ou sem espasticidade. Controle e força fraco. Dependem de cadeira motorizada ou assistência na mobilidade. Incapaz de impulsionar a cadeira.
2	Quadriplegia (tetraplegia): Severa para moderada Graduação da espasticidade: de 3= para 3, com ou sem atetose. Atetose grave ou tetraplegia com mais função de um lado do que o outro afetado. Força muscular fraca em todos os membros e tronco, mas capaz de impulsionar a cadeira de rodas.
3	Quadriplegia moderada (simétrico ou assimétrico) ou hemiplegia severa, usuário de cadeira de rodas, função de força quase normal de membro superior dominante. Pode impulsionar a cadeira de rodas independentemente.
4	Diplegia moderada à severa. Boa função de força com limitação mínima ou controle alterado observado em MMSS e tronco.
5	Diplegia moderada: simétrica ou assimétrica. Este indivíduo pode requerer o uso de dispositivos auxiliares de locomoção, mas não necessariamente quando fica em pé ou ao lançar. Um leve desvio do centro da gravidade leva à perda do equilíbrio.
6	Atleta com atetose moderada ou ataxia que deambula sem ajuda. Atetose é o fator dominante, embora a espasticidade possa estar presente nesta classe. Três ou todos os quatro membros mostram função dos movimentos esportivos. Na classe 6 os atletas costumam ter mais controle de MMSS do que a classe 5, embora o primeiro apresenta melhor função de MMII, particularmente quando correm.
7	Esta classe é para o verdadeiro atleta hemiplégico deambulante. Na classe 7 o atleta tem espasticidade grau 3 em um hemicorpo. Este indivíduo caminha sem auxílio de aparelhos mas muitas vezes com espasticidade de membro inferior. Boa capacidade funcional no hemicorpo dominante.
8	Esta classe é para o diplégico minimamente afetado. Graduação da espasticidade 1-2; hemiplegia grau da espasticidade 1-2; monoplegia; atleta com mínimo de atetose. Capaz de correr e saltar livremente.

Fonte: Vanlandewijck e Chappel (1996)

Segundo IPC (2009), durante o período de 1952 a 1972 participaram dos Jogos “Paralímpicos” apenas atletas com lesão medular. A partir de 1976, nas Paralimpíadas do Canadá, foram incluídos os atletas com amputação, outras deficiências e deficientes visuais. Nos Jogos de 1980 na Holanda, foram incluídos os atletas com Paralisia Cerebral e desde então, até os dias atuais participam todos os atletas com as deficiências citadas.

Com o crescimento do movimento paralímpico, o esporte deixou de ser extensão da reabilitação e tornou-se importante por si só. O foco no esporte, em vez de reabilitação, impulsionou o desenvolvimento de sistemas de classificação funcional (TWEEDY, VANLANDEWIJCK, 2011).

Nos sistemas de classificação funcionais, os principais fatores que determinam a classe, não são diagnósticos e avaliação médica, mas quanto a deficiência da pessoa impacta sobre o desempenho esportivo (TWEEDY, VANLANDEWIJCK, 2011).

Até a década de 1970, a classificação era baseada no diagnóstico médico e não era específico do esporte. Os atletas competiam com a mesma classe em todos os esportes. Ainda

naquela década, a CP-ISRA e a ISOD, desenvolveram um sistema voltado para a classificação funcional que relacionava com o esporte esportivo (VANLANDEWIJCK, CHAPPEL, 1996).

Em 1976, o professor de educação física Horst Strohkendl, pesquisou e publicou em sua tese de doutorado, um sistema funcional para o basquete em cadeira de rodas (BCR). No desenvolvimento do seu método contou com o auxílio de Bernard Coubaiaux e Phill Craven. Em caráter não oficial, esse método começou a ser utilizado em 1982, nos Jogos Panamericanos do Canadá e em 1984, foi utilizado no Mundial de Stoke Mandeville, na Inglaterra. Nas Paralimpíadas de Seul, em 1988, a nova forma de classificação foi, então, oficialmente testada (VANLANDEWIJCK, CHAPPEL, 1996).

Em 1989 com a fundação do IPC- International Paralympic Committee, alguns esportes tiveram que desenvolver um novo e confiável sistema de classificação em apenas 3 anos fazendo com que houvesse uma aproximação na integração dos sistemas de classificação, ou seja permitir que um atleta com um tipo de deficiência competisse em igualdade contra um atleta com outro tipo de deficiência (VANLANDEWIJCK, CHAPPEL, 1996).

Segundo os mesmos autores, durante Jogos Paralímpicos de Barcelona, em 1992, o sistema de classificação foi adotado e houve a integração dos sistemas nas seguintes modalidades: tiro com arco, BCR, ECR, tiro, natação, tênis de mesa e vôlei. No atletismo houve a integração da ISMWSF e ISOD e no halterofilismo, ISOD e CP-ISRA.

Para Tweedy e Vanlandewijck (2011) os Jogos Paralímpicos de Barcelona, em 1992, aceleraram a transição do sistema médico (a classe baseada em diagnóstico médico para competir em todos os esportes) para o sistema funcional (classe baseada na função específica do esporte).

A partir da criação do IPC, o gerenciamento dos esportes saiu das Organizações Internacionais de Esporte para Deficientes e passou a ser gerida de três formas diferentes: 1) IPC: executando a função de federação Internacional na gestão de modalidades; 2) Federações Internacionais de Esporte Paralímpico (F.I) que estão gerenciando modalidades paralímpicas; 3) e organizações internacionais em algumas modalidades (IPC, 2010).

O IPC reconhece 11 Federações Internacionais e exerce a função de F.I, por exemplo: natação, atletismo e halterofilismo. As entidades de gerenciamento esportivo por área de deficiência são quatro: CPISRA (Paralisia cerebral), IBSA (Deficiência visual), INAS-FID (Deficiência Intelectual) IWAS (união da ISMGF e ISOD) (IPC, 2010).

Em 2003, o Conselho Administrativo do IPC, aprovou e recomendou o desenvolvimento universal de um código de classificação com o objetivo de coordenar e dar suporte no desenvolvimento e implantação de sistemas de classificação preciso, confiável, consistente e focado no esporte (IPC, 2007).

A classificação fornece a estrutura para a competição e é realizada para garantir que a deficiência do atleta seja relevante no desempenho esportivo e garantir igualdade para competir com outros atletas. Possui duas funções importantes: determinar a elegibilidade para competir e agrupar os atletas para a competição (IPC, 2007)

O Código de Classificação do IPC e Padrões Internacionais detalha políticas e procedimentos que devem ser comum para todos os esportes e define princípios para serem aplicados por todos os esportes dentro do movimento paralímpico. (IPC, 2007).

A Federação Internacional deve ter suas próprias Regras de Classificação que precisam estar em conformidade com o Código do IPC. Este tem como propósito ser específico o suficiente para alcançar a harmonia nas questões de classificação onde a padronização é requisitada, ainda assim, generalizando o suficiente em outras áreas para permitir flexibilidade na maneira como os princípios são implementados (IPC, 2007).

O Código do IPC estabelece política consistente na Classificação, especificamente no que se refere à: assegurar a responsabilidade e princípios de um jogo justo; proteção de todos os direitos dos atletas e classificadores; avaliação dos atletas; atribuição das classes esportivas e status de classe esportiva; protestos e recursos.

Com relação à pesquisa na classificação, Depauw (1988) apontou que havia pouca investigação sistemática para fornecer uma base científica para a classificação. O número limitado de estudos relacionados com a classificação envolveram tanto as relações entre o perfil físico do atleta (por exemplo: potência anaeróbia, capacidade aeróbica e anaeróbica, força, habilidade) e classificação, ou as relações entre desempenho esportivo e classificação.

Para Sherril (1999), a classificação no esporte é a essência do esporte para pessoas com deficiências e é a área onde a pesquisa é mais necessária. Pode ser conceituada como sistema de avaliação e programação em constante evolução que se esforça em tornar a competição justa e igual.

Feitas essas considerações este estudo teve como objetivo, encontrar na literatura os aspectos abordados nas pesquisas sobre classificação no esporte paralímpico, identificando e

descrevendo métodos das variáveis envolvidas e sua relação entre elas; quais foram as modalidades mais pesquisadas em que países esse tipo de pesquisa tem sido mais implementado.

1.2- Metodologia

Este estudo caracterizou-se como sendo de caráter bibliográfico, que segundo Thomas, Nelson e Silverman (2012) é um tipo de pesquisa que tem por finalidade, localizar e sintetizar toda a literatura relevante sobre determinado tópico.

Para a busca de informações, foi utilizado artigos originais, revisões e ponto de vista, no idioma inglês, através das bases de dados Pubmed (www.pubmed.com), Sciverse- Hub (www.hub.sciverse.com), abrangendo o período de 1973 a 2013. O período de publicação não foi adotado como procedimento metodológico, pois um dos objetivos específicos deste estudo foi verificar o desenvolvimento da classificação desde as primeiras publicações até os dias atuais. O levantamento das informações foi realizado utilizando como termos de busca as combinações das palavras chave: Classification and Wheelchair Sports, Paralympic sports, Paralympic Games e Disability athletes. A partir dos estudos encontrados, foi realizado um rastreamento de investigações que abordassem as bases teóricas, desempenho motor, desempenho fisiológico, biomecânica e validação e confiabilidade de testes e protocolos. Após a identificação dos trabalhos, foi realizada a leitura dos resumos e aqueles com pertinência foram lidos na íntegra e fichados. Ao final 52 trabalhos foram incluídos nesta revisão, sendo 36 artigos originais, 15 revisão literatura e 1 Ponto de Vista (Figura 1).



Figura 1 - Ilustração dos resultados obtidos através das combinações terminológicas.

Após a primeira seleção dos estudos, verificou-se que com relação às bases teóricas, a maioria dos estudos eram artigos de revisão e um artigo de Ponto de Vista. Portanto foram fichados, no sentido de informação com relação à modalidade que mais publicou e país de origem, além de servir como base no desenvolvimento da introdução. Para o desenvolvimento do estudo, cada artigo foi detalhado de acordo com a modalidade e relacionado com a variável envolvida.

1.3 – Resultados e Discussões

Os primeiros artigos encontrados na literatura foram na década de 1970. Nas duas décadas 70 e 80 apenas 5 artigos publicados sobre o assunto classificação. Nos anos 90 teve um aumento chegando a 12 artigos. A partir do ano 2000 pode-se perceber um aumento significativo do número de publicações relacionadas com

a classificação, chegando a um total de 32 artigos até 2013.

De forma geral, os países que mais publicaram artigos originais ou de revisão com a temática relacionada com a classificação foram: Estados Unidos da América (EUA) e Bélgica. A tabela 1 a seguir apresenta a classificação das publicações e respectivos países.

Tabela 1- Classificação dos artigos e respectivos países

País	Original	Revisão	Pto. Vista	Total
EUA	7	4	1	12
Bélgica	7	1	0	8
Canadá	5	2	0	7
Austrália	3	3	0	6
Polônia	6	0	0	6
Holanda	4	0	0	4
Reino Unido	0	3	0	3
Espanha	1	1	0	2
Brasil	1	0	0	1
China	1	0	0	1
Irã	1	0	0	1
Israel	1	0	0	1

A modalidade mais estudada envolvendo a classificação foi o basquete em cadeira de rodas (BCR), seguido do atletismo (artigos originais) e também somando todos os tipos de artigos (original, revisão e ponto de vista) (Tabela 2).

Tabela 2- Classificação dos artigos estudados e Modalidades

Modalidade	Original	Revisão	Ponto de Vista	Total
BCR	16	1	0	17
Atletismo	7	5	0	12
Geral	3	8	0	11
Natação	3	0	1	4
Atletismo e Natação	2	1	0	3
RCR	4	0	0	4
Esqui	1	0	0	1

Com relação as variáveis envolvidas nos artigos originais encontrou-se os aspectos relacionados ao desempenho motor e nos artigos de revisão e ponto de as bases teóricas conforme na Tabela 3.

Tabela 3- Classificação dos artigos e variáveis envolvidas

Variáveis envolvidas	Original	Revisão	Ponto de Vista
Desempenho Motor	18	0	0
Teoria da classificação	0	11	1
Biomecânica	7	2	0
Desempenho Fisiológico	2	2	0
Desempenho Motor/Fisiologia	4	0	0
Validação e Confiabilidade de Testes/ Protocolo	4	0	0
Desempenho Motor/Biomecânica	1	0	0

Os trabalhos a serem considerados a seguir estão relacionados ao Basquete em Cadeira de Rodas (BCR) que foi a modalidade mais estudada com relação à classificação (15 artigos originais), sendo que nos trabalhos sobre desempenho motor os aspectos abordados pelos autores correlacionavam testes de habilidade, velocidade, uso de escalas, protocolos de observação com a classificação na tentativa de diferenciar as classes (Quadro 7).

Quadro 7 – Estudos sobre a classificação do BCR e Desempenho Motor

Autor/Ano	Amostra	Método	Resultados
Brasile (1986)	N=91 jogadores de BCR (EUA e Canadá)sexo masculino. Classe I:26;Classe II:34;Classe III:31.	Correlação de Testes de habilidade do BCR (7) com a classificação médica.	Sem diferença significativa em 6 testes,exceto o teste de precisão
Brasile (1990)	n = 79 jogadores de BCR (EUA) do sexo masculino. Classe I: 25; Classe II: 37; Classe III: 17	Correlação de Testes de habilidade do BCR com acréscimo de 3 testes e retirada de 2 com a classificação medica	Nível da Lesão pode influenciar no nível do desempenho, bem como tempo de pratica e idade.
Bednarczyk e Sanderson. (1993)	n= 30 PLME (26 do sexo masculino e 4 do sexo feminino) com LME completa e incompleta.	Comparação entre três sistemas de classificação para PLME. Escala da AIS, Brancken e CF do BCR.	Escala da AIS e CF (r= 0.81) misto e r = 0.67 para PLME incompleta. Escala de Brancken correlação negativa
Vanlandewijck et al. (2003)	n=144(88) jogadores de 12 países, agrupados em 4 classes:Classe I:1.0 e 1.5,Classe 2:2.0 e 2.5.Classe 3:3 e 3.5 e classe 4:4.0 e 4,5.	Aplicação de Protocolo de observação (CBGS) através da filmagem de jogos.	Alta relação entre CF e desempenho específico do esporte em atletas de elite. Diferença proporcional entre as classes
Doly (2004)	n=46 jogadores de BCR (EUA), sexo masculino.Classe 1. Classe 2 e Classe 3 Classificação Médica	Aplicação do teste de velocidade: corrida de 20 metros	Diferença entre a classe 1 com as classes 2 e 3.Não houve diferença nas classes 2 e 3 e sugere a união das duas.
Vanlandewijck et al. (2004)	n= (95)59 jogadoras de elite BCR (8 países) do sexo F, agrupadas em 4 classes:Classe I:1.0 e 1.5,Classe 2:2.0 e 2.5.Classe 3:3 e 3.5 e classe 4:4.0 e 4,5.	Aplicação de Protocolo de observação(CBGS) através da filmagem de jogos	Alta relação entre CF e desempenho específico do esporte em atletas de elite. Diferença proporcional entre as classes
Molik et al. (2009)	N=94(72) jogadoras de BCR, sexo Feminino, CF(8 classes).Times(8) agrupados de acordo com o ranking	Filmagem + CBGS modificado (12 variáveis) durante campeonato mundial 2006. Para avaliar a qualidade de desempenho do jogo.	Eficiência de jogo da elite do BCR feminino depende do nível da CF e da posição do time no ranking.
Molik et al. (2010)	N= 109 jogadores de BCR da liga nacional da Polônia e Lituânia.Agrupados em 5 CF(1,2,3,4 e 4.5)	Aplicação de 6 testes de habilidade	CF e desempenho dos testes de habilidade: CF maior = desempenho maior.Sem diferença entre as classes 1 e 2, bem como 3 a 4.5.
Groot et al.(2012)	N: 19 jogadores de BCR do sexo masculino de dois times holandeses. CF: 1-4, 5	Aplicação de 10 testes para verificar a confiabilidade e validade.	Os Testes são confiáveis e validos, exceto para o passe e lançamento. Não houve correlação com CF.

Brasile (1986 e 1990) correlacionou testes de habilidades com a classificação médica, dividida em três classes. A diferença entre os estudos foi com relação a adaptação dos testes, além de informações como tempo de prática e tempo de lesão. Verificou-se que não havia diferenças significativas entre as classes e que o nível da lesão poderia influenciar no desempenho bem como na idade e no tempo de prática.

Molik et al. (2010) correlacionaram seis testes de habilidade com a classificação funcional (8 classes) mas que foram agrupados em 5 classes (1,2,3,4 e 4.5) e verificou que quanto maior o nível de desempenho maior a CF. Porém não houve diferença significativa entre as classe 1 e 2 bem como 3 a 4.5.

Em estudo recente envolvendo teste de habilidade, Groot et al. (2012) aplicaram 10 testes de habilidade para verificar a validade e confiabilidade e os testes mostram confiabilidade exceto no passe e lançamento e relacionando com a CF(dividida em 8 classes) não houve nenhuma correlação.

Doly et al. (2004) aplicaram o teste de velocidade de 20 metros e correlacionou com a classificação médica, dividida em três classes e verificou que havia diferença apenas entre as classes I e as demais II e III e sugeriu que houvesse diminuição das classes para duas.

Vanlandewijck et al. (2003) estudaram equipes do gênero masculino , em outro estudo dos mesmos autores (2004), equipes do gênero feminino e Molik et al.(2009) equipes do gênero feminino. Todos esses estudos utilizaram a mesma metodologia de filmagem dos jogos e aplicaram o protocolo de observação chamado Comprehensive Basketball Grading System (CBSG). No último estudo, porém, o protocolo de observação (CBSG) utilizado foi modificado e também o agrupamento das classes funcionais foi diferente. Nos dois primeiros estudos em 4 classes e o outro manteve as 8 classes. As conclusões foram que o houve alta correlação entre desempenho e classificação, ou seja, quanto maior o desempenho maior a classe. Vanlandewijck et al. (2003) observaram que houve diferenças proporcionais entre as classes e Molik et al.(2009) observaram que a posição no ranking também era relevante.

Ainda no desempenho motor, Bednarczyk e Sanderson (1993) compararam vários sistemas de classificação para indivíduos com lesão medular, classificados pelo mesmo examinador, utilizando três sistemas de classificação: Escala da AIS (American Spinal Injury Association Impairment Scale,1990), Escala de Bracken e o sistema de classificação utilizado no BCR. (CF: 1-4). A correlação entre a Escala da AIS e classificação do BCR foi positiva (0.81). Já

a correlação entre a Escala da AIS (-0.66), classificação do BCR (-0.48) com a Escala de Bracken foi negativa. A Escala da AIS mostrou a maior discriminação no agrupamento de pessoas com lesão medular (PLME) com lesões completas e incompletas.

Os estudos envolvendo a classificação do BCR e as variáveis envolvidas, foram encontrados 6 estudos, sendo: Desempenho Motor & Fisiológico(1), Biomecânica (3), Validação de Protocolo(1) e Desempenho Fisiológico(2). (Quadro 8).

Quadro 8 – Classificação do Basquete e Desempenho motor & Desempenho Fisiológico; Desempenho Fisiológico, Biomecânica e Validação de Protocolo.

Autor/Ano/Área	Amostra	Método	Resultados
Vanlandewijck et al. (1995) Desempenho Motor e Fisiológico	N=52 jogadores de BCR treinados, sexo masculino. CF divisão em 4 classes.	CBGS+ filmagem, dinamômetro de preensão palmar, cadeira de rodas em esteira.	CBGS+ Potencia Aeróbia+ Força: diferença apenas entre a classe I e as demais. Sugere apenas 2 classes.
Curtis et al. (1995) Biomecânica	n = 7 PLME, paraplégicos e 9 sem deficiência, sendo 9 do sexo masculino e 7 do sexo feminino CF (4) Apenas classe I e II.	Filmagem (2 câmeras) no laboratório de biomecânica, nos planos transversal e sagital em 3 condições: com e sem faixa abdominal e faixas na coxa	Indivíduos com lesão em L1 para cima ganharam vantagem no desempenho funcional com o uso da faixa abdominal
Malone et al (2002) Biomecânica	Atletas masculinos que participaram da copa do mundo de BCR. CF: 4 classes (1-4)	Filmagem (2 câmeras) dos lançamentos livres e análise biomecânica	Diferenças entre as classes 1 e 2. Sem diferenças entre as classes mais altas.
Zwakhoven et al. (2003) Validação Protocolo de Observação	1ª parte: 16 (elite) melhores jogadores do mundo (2 por classe). 2ª parte: 48 jogadores de elite, sub-elite e avançado. C.F: 4 classes)	Aplicação e filmagem de 7 testes específicos de habilidade no manuseio da bola	Válido, fidedigno e confiável. (inter-observador). Intra-observador: confiabilidade precisa ser revista.
Lira et al. (2010) Desempenho Fisiológico	N: 17 atletas da seleção brasileira de BCR (masculina) que participaram da Paralimpiadas 2004. C.F: 1- 4.5	Cadeira de rodas em esteira, ciclo ergômetro de MMSS, o analisador de gases (K4). Análise do VO2 pico, limiar ventilatório e lactato.	Houve correlação da CF e desempenho aeróbio e anaeróbio.
Molik et al. (2010) Desempenho Fisiológico	N: 79 atletas da seleção masculina da Polônia e Lituânia. CF: 8 classes	Teste: Wingate utilizando o cicloergometro de MMSS	Sem diferença significativa entre as classes: 1,0-2.5 e 3.0-4.5. Mas com diferenças entre os dois grupos.
Crespo-Ruiz et al. (2011) Biomecânica	N: 10 jogadores masculinos da elite européia, CF: 1-4 (4 classes)	Análise Cinemática da propulsão na cadeira de rodas em esteira	Os parâmetros temporais parece reduzir com o aumento da classe.

No estudo de Vanlandewijck et al. (1995), além da relação entre a classificação e do desempenho motor, feita através de filmagem dos jogos e aplicação do protocolo de observação (CBGS) foi verificado também a aplicação do torque de pico das mãos no aro da cadeira (isométrico e dinâmico) e o desempenho fisiológico foi realizado em esteira de cadeira de rodas (VO_2 Pico). Correlacionando todas estas variáveis verificou-se que não havia diferença entre as classes esportivas (1-4) exceto da Classe I e Classe IV, sugerindo portanto a diminuição de classes para duas.

Os estudos apresentados a seguir envolveram a biomecânica. Curtis et al. (1995) filmaram os movimentos do tronco com e sem uso de faixas abdominais e com o uso de cintos de coxa utilizando somente as classes I e II. Verificou-se que no plano sagital houve vantagem da utilização da faixa abdominal nas classes I e II e no plano transversal apenas a classe II obteve vantagem com o uso da faixa abdominal concluindo que o uso da faixa abdominal em pessoas com lesão medular em nível de L1 para cima ganharam vantagem no alcance funcional.

Malone et al. (2002) gravaram com duas câmeras 3D, posicionadas estrategicamente na quadra, todos os lances livres do lado direito realizados durante o campeonato mundial masculino de BCR e fizeram uma análise biomecânica dos parâmetros de lançamento da bola, variáveis da trajetória da bola e análise cinemática do membro superior direito. Os jogadores foram classificados em 4 classes (1-4), as classes: 1.5, 2.5, 3.5 e 4.5 foram excluídas do estudo. Os resultados mostraram apenas nas classes 1 e 2 houveram diferenças.

Já o estudo de Crespo-Ruiz et al. (2011), realizaram análise cinemática dos membros superiores durante a propulsão da cadeira de rodas, utilizando câmeras de vídeo e marcadores em uma esteira de cadeira de rodas. A classificação utilizada foi de 4 classes (1-4). Os parâmetros temporais tais como: duração da fase do impulso, fase de recuperação, contato e ângulo da propulsão foram analisados e verificou-se que os parâmetros temporais diminuiram com o aumento da classificação.

Nos estudos envolvendo validação, Zwakhoven et al. (2003), desenvolveram e validaram um protocolo de observação com 7 testes de habilidade no manuseio da bola em jogadores de elite, sub-elite e avançados, divididos em 4 CF (1-4). O objetivo foi desenvolver um protocolo que pudesse ser utilizado na formação de classificadores e avaliar o nível de proficiência de habilidade. O protocolo pode ser considerado confiável e válido e utilizado durante a observação em quadra ao invés de análise de vídeo tornando-se uma ferramenta útil

para técnicos e treinadores. Não houve diferenças significativas entre as classes, pois o protocolo não está relacionado com a capacidade funcional.

Lira et al. (2010) e Molik et al. (2010) realizaram testes envolvendo a fisiologia, avaliando a capacidade anaeróbia e aeróbia e capacidade anaeróbia, respectivamente. Participaram destes estudos a seleção brasileira de BCR, no primeiro estudo e no segundo, a seleção da Polônia e Lituânia de BCR. Ambos os estudos utilizaram a CF do BCR divididos em 8 classes. Foi utilizada cadeira de rodas em esteira, cicloergômetro de MMSS e analisador de Gases, no estudo de Lira et al.(2010) e o teste Wingate realizado no cicloergômetro de membros superiores (MMSS) no estudo de Molik et al.(2010).

Os resultados encontrados por Lira et al.(2010) foram de que houve correlação entre a CF do BCR e capacidade aeróbia e anaeróbia. Já Molik et al. (2010) não encontrou diferenças significativas entre as classes do grupo I que compreende as classes 1,1.5,2.0 e 2.5 e o grupo II que compreende as classes 3.0, 3.5,4.0 e 4.5, mas apresentou diferença entre os dois grupos.

Nas pesquisas envolvendo a classificação no atletismo e desempenho motor foram encontrados três estudos com relação à biomecânica e um artigo sobre validação de testes (Quadro 9).

Quadro 9- Classificação do Atletismo e Variáveis envolvidas

Autor/Ano/Área	Amostra	Método	Resultado/ Considerações
Higgs et al.(1990) Desempenho Motor	N=9041 atletas. Classificação médica: 7 classes-pista e 8 campo de acordo com (ISMGF).	Análise estatística dos resultados de desempenho. Foram analisados: 4.698 resultados.	Não houve diferença significativa entre as classes. Sugere redução do número de classes.
Chow e Mindock (1999) Biomecânica	n =14 Lançadores de disco, americanos do sexo masculino. Classificação Médica	Descrição das características cinemáticas de acordo com a classe	Velocidade, distância e o movimento da cintura escapular são importantes determinantes da classificação.
Chow et al (2000) Biomecânica	n= 17 arremessadores de peso, americanos, do sexo masculino Classificação Médica. F2-F8	Descrição das características cinemáticas de acordo com a classe.	Sugere que a velocidade angular do membro superior seja fator discriminante nas diferenças entre as classes. Sugere aumentar a altura e ângulo no arremesso.
Chow et al (2003) Biomecânica	N: 15 lançadores de dardo, americanos, do sexo masculino, Classificação Funcional: F2-F8.	Descrição das características cinemáticas de acordo com a classe.	O movimento de cintura escapular durante o lançamento é um importante determinante da classificação e também medida da distância.
Beckman e Tweedy (2009) Validação de Testes	N: 77(32 homens e 35 mulheres) sem deficiência, praticantes de atletismo.	Validação de uma bateria de 5 testes de corrida em não deficientes	A bateria de testes é confiável e válida
Vanlandewijck et al.(2011) Desempenho Motor	N: 10 homens e 3 mulheres corredores internacionais da classe T54.	Testes isométricos. Testes de aceleração: na pista de corrida do atletismo e na cadeira ergométrica.	A classe T54 é válida, Classes diferentes para sem função de tronco com classes parcial e total função de tronco
Frossard (2012) Desempenho Motor	N: 114 arremessadores de peso, do sexo masculino e feminino.	Análise dos resultados das 479 tentativas	Descreveu a interdispersão do desempenho dos atletas.

No desempenho motor, Higgs et al.(1990) analisaram os resultados (médias) das provas de pista (tempo) e campo (distância), dos Jogos Stoke Mandeville (1984, 1986 e 1987) e o Pan americano de 1982 utilizando classificação médica recomendada pela ISMGF, ou seja para provas de campo 8 classes (1a,1b,1c,2,3,4,5 e 6) e para provas de pista, 7 classes. (1a, 1b, 1c, 2, 3, 4 e 5). Os resultados encontrados foram que não houve diferenças estatísticas significativas entre as classes e os autores sugerem a redução de 8 classes para 4 nas provas de campo e para as provas de pista de 7 classes para 3.

Seguindo a mesma linha de análise de resultados, Frossard (2012) analisou os resultados das 479 tentativas de 114 arremessadores de peso, do sexo masculino e feminino, obtidos durante os Jogos Paralímpicos de 2008 e correlacionou com a classificação funcional; F32-34 e F53-58. Além de comparar as médias dos resultados obtidos em relação ao desempenho motor entre as diferentes classes, realizou-se a comparação da variação dos resultados entre as mesmas classes. Contudo, foram identificadas diferenças significativas nos resultados entre os atletas da mesma classe e também foram demonstradas relações lineares entre melhor desempenho e classificação.

Vanlandewijck et al. (2011) realizaram testes para verificar a função de tronco, envolvendo atletas de pista da classe F54, sendo que nesta classe os atletas puderam apresentar função parcial ou total de tronco. Após análise, verificou que a classe F54 é válida, ou seja não apresentou diferença entre a função parcial e total e ressalta que atletas sem função de tronco deve estar separada desta classe.

Com relação à biomecânica, três estudos foram identificados e realizados pelo mesmo autor principal: Chow e Mindock (1999), Chow et al. (2000) e Chow et al. (2003). Em ambos os estudos, foram realizadas as análises cinemáticas em atletas de elite e emergentes das seguintes provas: lançamento de disco, arremesso de peso e lançamento de dardo, utilizando a classificação médica de F51 a F58, totalizando 8 classes. Apesar da semelhança entre a metodologia adotada para análise das variáveis de velocidade, angulação, distância e inclinação, os estudos diferem em relação ao número de tentativas realizadas. No estudo de Chow e Mindock (1999) os atletas realizaram 10 tentativas, sendo que, foram escolhidos os dois melhores resultados, já no estudo de Chow et al. (2000) os atletas realizaram seis tentativas com a escolha do melhor resultado. Chow et al. (2003) realizaram entre seis a dez tentativas e selecionaram os dois melhores resultados. Os autores concluíram que os resultados obtidos da análise apontam como fator determinante na classificação, o movimento da cintura escapular.

Na validação de testes, Beckman e Tweedy (2009), aplicaram uma bateria de 5 testes no desempenho na corrida, em uma população sem deficiência para permitir avaliação psicométrica dos testes sem confundir a influência da deficiência e fornecer uma indicação de desempenho normativo. A bateria de testes mostrou-se confiável e válida para população sem deficiência, determinando as variáveis máximas no desempenho da corrida e, portanto, uma ferramenta útil na classificação paralímpica.

Na modalidade da natação foram selecionados três artigos e todos relacionados ao desempenho motor (Quadro 10).

Quadro 10 - Classificação da Natação e Desempenho Motor.

Autor/Ano/Área	Amostra	Método	Resultado/ Considerações
Gehlsen e Karpuk (1992)	N=1256 de ambos os sexos.. Classificação Médica: 8 classes	A utilização de velocidade como a variável dependente foi corrigido para as diferenças distâncias.	O desempenho diminui com o aumento do nível de deficiência não pode ser totalmente suportado por este estudo.
Daly e Vanlandewijck (1999)	N: 32 Recordes Mundiais de nadadores(masculino e feminino) de estilo livre(100m e 400m) e peito(100m).C.F: S1-S10 e SB4-SB10.	Análise Estatística da velocidade, através das listas de recordes mundiais baixadas do IPC.	Os recordes mundiais de velocidade diminuiram de acordo com as classes. Discriminação entre classes mais clara no estilo livre para homens.
Wu e Willians (1999)	n= 374(243 homens e 131 mulheres) de 50 países durante os Jogos paralimpicos de 1996. Todos os estilos. C.F: 10 classes.	Coleta de dados através do Comitê Organizador dos jogos Paralimpicos 1996 e pelo IPC. Análise Estatística entre velocidade e classe e entre tipo de deficiência	Diferença significativa das velocidades médias entra as classes. Correlação positiva entre as classes e todas as provas.

Gehlsen e Karpuk (1992), Daly e Vanlandewijck (1999) e Wu e Willians (1999) realizaram análise estatística dos resultados obtidos através de registros da Associação Americana de esportes em cadeira de rodas (NWAA), entre o período de 1981-1990, Recordes mundiais e resultados dos Jogos Paralimpicos de 1996, respectivamente, calculados em velocidade, ou seja, distância X tempo e foram correlacionados com a classificação da natação, O primeiro estudo utilizou a classificação médica (8 classes) e os outros dois estudos utilizaram a CF em 10 classes. Os resultados de Gehlsen e Karpuk (1992) não puderam sustentar que o desempenho diminui com o aumento do nível da deficiência e também a combinação entre as classes. Daly e Vanlandewijck (1999) concluíram que os Recordes Mundiais diminuem de acordo com as classes, ou seja, maior a classe maior o Recorde Mundial. Wu e Willians (1999) encontraram diferenças significativas da velocidade médias entre as classes.

Nos artigos que incluíram as modalidades de atletismo e natação, foram encontrados correlações com a classificação e desempenho motor e no outro com desempenho motor e fisiológico (Quadro 11).

Quadro 11- Classificação do Atletismo & Natação e Variáveis envolvidas

Autor/Ano/Área	Amostra	Método	Resultado/ Considerações
Wicks et al.(1983) Desempenho Motor e Fisiológico	N=72 atletas. (61 masculino e 11 feminino). de 14 países que participaram das “Paralimpiadas” de 1976. Classe Médica (1A, 1B, 2, 3, 4,5 e 6).	Cicloergometro de MMSS, Ergômetro de cadeira de rodas (VO2 pico, FC,ventilação máxima) , dinamômetro de preensão manual e aparelho Cybex II(força Muscular)	F.M: similar entre as classes 2-5. Maior capacidade fisiológica de atletas tetra com pólio do que com LME. Sugere separar as classes.
Eijsden-Besseling (1985) Desempenho Motor	n =4000(atletas com paralisia) e 1000(amputados). Classificação Medica: IA, IB, IC, 2, 3, 4,5 e 6 e A1-A9(amputados). Masculino e Feminino.	Análise dos resultados dos jogos “Paralimpicos de 1984” de atletismo (campo e pista) e natação (nado livre, borboleta e costas)	Sistema de classificação bom para a categoria de atletas com paralisia (pólio, tetra, para, com lesão completa e incompleta)Sugere diminuição das classes.

Wicks et al.(1983), correlacionaram testes de força muscular (dinamômetro de preensão manual e aparelho Cybex II) e testes fisiológicos (esteira de cadeira de rodas e cicloergômetro de MMSS) com a classificação médica , divididos em 7 classes. (1A, 1B, 2, 3, 4, 5 e 6). Os resultados encontrados com relação a força muscular foram que as classes 2-5 são similares e com o desempenho fisiológico, sugere que os atletas com seqüela de poliomielite, tetraplégicos sejam separados dos tetraplégicos com LME.

O estudo de Eijsden-Besseling (1985) analisou os resultados de 4000 atletas, com paralisia e 1000 atletas com amputação que participaram dos “Jogos Paralimpicos” de 1984, no atletismo (pista e campo) e natação (nado livre, borboleta e costas). O sistema de classificação utilizado foi o médico: IA, IB, IC, 2, 3, 4,5 e 6 (paralisia) e A1-A9 (amputados). Os resultados encontrados foram que o sistema para a categoria de pessoas com paralisia foi coerente, mas sugere a redução do número de classes.

Os estudos envolvendo o rugby em cadeira de rodas (RCR) e classificação (Quadro 12) foram realizados por Molik et al.(2008) , Morgulec et al.(2010) , Morgulec et al.(2011) e Altmann et al.(2013).

Quadro 12- Classificação do Rugby e Áreas de conhecimento

Autor/Ano/Área	Amostra	Método	Resultado/ Considerações
Molik et al.(2008) Desempenho Motor	n =105 jogadores de RCR, (12 países) sexo masculino.Campeonato europeu 2005.CF: 7 classes	Jogos gravados; analise da eficiência de jogo através de 11 parâmetros.	Diferenças significativas entre as classes baixas(0.5-2.0) e entre os pontos mais baixos e mais altos(2.5-3.5).Mais pesquisas para identificar diferenças entre os pontos altos.
Morgulec et al.(2010) Desempenho Motor	n =77 jogadores de RCR, (8 países Jogos Paralimpicos de Pequim-2008), divididos em 4 classes:Classe I:0.5;Classe II:1.0 e 1.5;Classe III:2. e 2.5 e Classe IV:3.0 e 3.5	Analise de relatório estatístico contendo 6 parâmetros.	Diferenças encontradas entre as classes, exceto entre as classes I e II, em 5 dos 6 parâmetros.Tendência dos pontos altos para melhor desempenho.
Morgulec et al (2011) Desempenho Motor e Fisiológico	n= 30 jogadores de RCR da Polônia divididos em 4 classes:Classe I:0.5;Classe II:1.0 e 1.5;Classe III:2. e 2.5 e Classe IV:3.0 e 3.5	Bateria de Beck, esteira para cadeira de rodas (Incremental) e ergômetro de MMSS (Wingate)	CF não interferiu nas respostas das variáveis avaliadas para as classes intermediarias. Diferenças significativas entre Classe I e IV.
Altmann et al (2013) Confiabilidade de Teste	N:16 jogadores de RCR e BCR da Bélgica e Holanda	Três classificadores aplicaram os testes de tronco em duas sessões	Confiabilidade adequada entre os avaliadores

Com exceção do último estudo que verificou a confiabilidade dos testes de tronco utilizados na classificação do RCR, os demais foram relacionados com o desempenho motor e desempenho motor e fisiológico. As metodologias utilizadas para o desempenho motor foram análises da eficiência de jogo, utilizando 11 parâmetros e 6 parâmetros, respectivamente. A CF utilizada foi de 7 classes para o primeiro estudo e a junção de classes em 4 para o segundo estudo (classe I:0.5, Classe II: 1.0-1.5; Classe III:2.0-2.5 e classe IV:3.0-3.5). Nos resultados de Molik et al.(2008) foram encontrados diferenças entre as classes baixa (0.5-2.0) e também diferenças entre as classes baixas e altas,mas sem diferenças entre as classes altas. Já os resultados de Morgulec et al.(2010) foram encontradas diferenças entre as classes, exceto entre as classes I e II . Também houve uma tendência de melhor desempenho das classes mais altas.

Morgulec et al.(2011) também avaliou desempenho motor e acrescentou o desempenho fisiológico correlacionando com a CF (7classes), mas agrupando em 4 classes (classe I:0.5, Classe II: 1.0-1.5; Classe III:2.0-2.5 e classe IV:3.0-3.5). Foi utilizada a bateria de Beck (YILLA, SHERILL,1998) e esteira de cadeira de rodas para análise das variáveis aeróbias

e ergômetro de MMSS para as variáveis anaeróbias. As conclusões deste estudo foram que apenas as classes I e IV mostraram diferenças significativas.

Altmann et al.(2013) verificaram a confiabilidade dos testes de tronco realizados na classificação do RCR que foram implantados em 2010. São dez testes com pontuação do tronco de 0, 0.5,1.0 e 1,5. Três classificadores internacionais realizaram os testes em duas etapas em jogadores de BCR e BCR da Bélgica e Holanda, sendo 16 na primeira etapa e 22 na segunda Foi utilizado o método Fleiss Kappa para determinar a confiabilidade entre avaliadores. Dos resultados da primeira etapa dos 16 jogadores avaliados houve concordância em 13 (Kappa: 0.76). O Kappa por pontuação de tronco variou entre 0.29-1.0. Quatro descrições de testes foram ajustadas após a primeira etapa. Na segunda etapa, dos 22 jogadores avaliados houve concordância em 15. O Kappa Geral foi de 0.75 e por pontuação de tronco variou de 0.58 – 0.92. Após a segunda etapa duas descrições do teste foram melhoradas. Os testes para avaliação de tronco mostraram confiabilidade adequada entre os avaliadores.

No quadro 13, estão os três artigos encontrados que não especificaram a modalidade ou reuniram várias modalidades envolvendo atletas e não atletas. Apenas em um artigo foi especificado na modalidade de esqui.

Quadro 13- Classificação e Modalidades Gerais e Esqui

Autor/Ano/ Modalidade/Área	Amostra	Método	Resultado/ Considerações
Hutzler et al.(1998) Desempenho Fisiológico	N=50 atletas e não atletas do sexo masculino. CF: 1-4,5(8 classes) do basquete	Cicloergometro de MMSS. Teste Wingate modificado 30s: Anaeróbio e Aeróbio: esforço progressivo com carga:	Tipo, nível da deficiência e C.F: moderada relação com desempenho. Diferença entre amputados e LME e pólio.
Klalili(2004) Geral Desempenho Motor	Classificação Médica: 1-8 para pessoas com Paralisia Cerebral	Descrição de 26 testes e a soma dos pontos de cada teste relacionou com as classes.	Forma quantitativa de classificar pessoas com Paralisia Cerebral. Cada classe com uma pontuação.
Vanlandewijck et al (2011) Basquete, rugby e tênis. Desempenho Motor e Biomecânico	n= 15 alunos do sexo masculino envolvidos com a recreação do basquete e tênis em cadeira de rodas.	Análise da postura do tronco e aceleração em três posições diferentes no Ergômetro de cadeira de rodas.	Passo inicial para as evidências baseadas na classificação, pois o tronco é um fator determinante na classe do atleta. Além do que um tronco restrito diminui a aceleração.
Pernot et al (2011) Esqui Validação de Teste	N: 33 atletas com LME nível T12, completa ou incompleta, Amputados de MMII (bi ou unilateral) pólio e PC. CF: (5 classes)	Comparação entre os Testes de Banco (4) usado na CF, com padrão ouro (plataforma de força)	Correlação alta na confiabilidade e validade ao comparar os testes.

No estudo de Hutzler et al. (1998) foi feita a correlação da CF do basquete (8 classes) com desempenho fisiológico, analisando os parâmetros aeróbios e anaeróbios, utilizando cicloergômetro de MMSS. Os indivíduos selecionados foram atletas de basquete, tênis de mesa, atletismo, natação, halterofilismo, vôlei e atletismo (corrida) e não atletas. Os resultados encontrados foram de moderada correlação do desempenho fisiológico com a CF do BCR e diferenças entre indivíduos com LME, pólio e amputados.

Klalili (2004) descreveu 26 testes para serem correlacionados com classificação das pessoas com paralisia cerebral de forma quantitativa. Utilizou para o estudo a classificação médica para pessoas com PC divididos em 8 classes sem discriminar a modalidade, ou seja, continuou seguindo a classificação médica.

Vanlandewijck et.al (2011) realizaram análise do desempenho motor e biomecânico da função do tronco, pois em modalidades como BCR, RCR e tênis em cadeira de rodas, é um fator determinante de discriminação entre as classes. Os participantes envolvidos foram estudantes sem deficiência. Os resultados obtidos indicam um impacto significativo da

profundidade do assento da cadeira de rodas bem como uso de faixas e déficit da função do trono na aceleração. Este estudo pode proporcionar em pesquisas futuras as características do perfil das classes do tronco.

Pernot et al.(2011) validaram o teste de tronco utilizado na classificação do esqui utilizando uma plataforma de força, padrão ouro. Este estudo envolveu 33 atletas com LME com lesão completa e incompleta nível T12, amputados, poliomielite e PC. Os resultados encontrados foram de correlação alta na confiabilidade e válido ao comparar o teste de banco com o padrão ouro de acordo com as classes.

1.4 – Conclusão

A partir dos estudos revisados observou-se que as pesquisas envolvendo a classificação no esporte paralímpico nos artigos originais, foram correlacionadas com desempenho motor, desempenho fisiológico, biomecânica e validação/confiabilidade de testes e protocolos, na tentativa de encontrar ou não diferenças significativas entre as classes e na manutenção ou diminuição do número de classes, na busca de fundamentação científica e tornando a competição justa e igual entre os competidores.

As áreas de biomecânica e validação/confiabilidade de testes e protocolos mostraram-se mais coerentes com relação aos princípios da classificação, pois efeito do treino, habilidade, talento e biotipo não devem interferir na classe esportiva de nenhum esporte. Ao correlacionar desempenho motor através de análise estatística de resultados ou o desempenho através de testes motores, fica evidente circunstâncias que não devem interferir na classe esportiva. Com relação ao desempenho fisiológico as análises também evidenciaram as diferenças entre os atletas com LME acima do nível T6 com os demais atletas com diagnósticos diferentes ficando em desvantagem no desempenho fisiológico mesmo tendo a mesmo comprometimento funcional.

A fundamentação de bases teóricas sobre classificação envolveu artigos de revisão que buscaram a discussão da teoria, dos princípios científicos, padronização e normatização da nomenclatura dentro da classificação do esporte paralímpico.

Apesar da evolução do número de publicações envolvendo a classificação este estudo também pode mostrar a carência de artigos nas demais modalidades, pois somando as modalidades de verão e inverno do IPC totalizam 28 e este estudo mostrou apenas 5 modalidades.

CAPÍTULO 2 – A CLASSIFICAÇÃO PARA O HANDEBOL EM CADEIRA DE RODAS

2.1- Introdução

A prática do handebol em cadeira de rodas- HCR foi pela primeira vez registrada no ano de 2004 na cidade de Campinas/SP, com a realização do trabalho de conclusão de curso da acadêmica Daniela Eiko Itani na FEF/UNICAMP, sob a orientação dos professores Paulo Ferreira de Araújo e José Júlio Gavião de Almeida, embora já houvesse relatos informais da prática de handebol enquanto alternativa de conteúdo nas ações dos projetos de extensão da FEF/UNICAMP anteriores a este trabalho.

Cabe ressaltar que o grupo foi criado com o intuito de atender um excesso de demanda pela participação na equipe de Basquete em Cadeira de Rodas da UNICAMP, onde várias pessoas com deficiência acabavam não participando, e buscavam espaço para a prática do esporte (ITANI, ARAÚJO, ALMEIDA, 2004).

Em 2005, foi criada a modalidade, Handebol em Cadeira de Rodas (HCR), dentro do universo acadêmico, a partir do Projeto de Atividades Motoras Adaptadas (Projeto AMA) da Universidade Paranaense – UNIPAR – Toledo-PR (CALEGARI, GORLA E ARAÚJO, 2010).

Segundo os mesmos autores, houve o desenvolvimento das modalidades sob perspectivas diferenciadas, ou seja, o HCR7 privilegia a inclusão e valoriza a participação do para-atleta com pontuação baixa e o HCR4 privilegia os para-atletas com pontuação alta, dando mais plasticidade ao jogo.

O primeiro campeonato brasileiro de HCR foi realizado na cidade de Toledo-PR em 2009 com a participação de 8 equipes sendo: duas equipes do estado de São Paulo, uma do Estado de Santa Catarina, uma do Estado do Rio Grande do Sul e quatro equipes do Estado do Paraná. Na mesma oportunidade foi fundada a Associação Brasileira de Handebol em Cadeira de Rodas- ABRHACAR (CALEGARI, 2010).

No período de 2009 a 2013, foram realizados 5 Campeonatos Brasileiros de HCR4 e 2 Campeonatos Brasileiros de HCR7, hoje a ABRHACAR possui equipes filiadas dos estados do Rio de Janeiro, Amapá, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Em 2009, houve o 1º Campeonato Sulamericano de HCR, realizado em Santiago-Chile, com a participação de equipes chilenas e brasileiras e o 2º Campeonato Sulamericano de HCR, realizado na cidade de Almirante Brown – Argentina, em agosto de 2010, com a participação de equipes brasileira, chilena e boliviana, torna um marco na abordagem de gênero no HCR(CALEGARI, 2010).

Em 2011, houve o 3º Campeonato Sul-Americano de HCR no ginásio da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com a participação das equipes da Argentina, Bolívia, Chile e equipes brasileiras e no ano seguinte, 2012 a Copa Libertadores da América de HCR com a participação de equipes chilenas e brasileiras.

Durante os dias 21 a 28 de setembro de 2013, foi realizado o primeiro mundial de HCR em Curitiba com a participação de equipes da América Latina como Argentina, Bolívia, Brasil, Chile e Uruguai e da Oceania a Austrália, e com representantes de Portugal e Venezuela, sendo que um dos momentos mais importantes foi a fundação da Federação Internacional de HCR – International Wheelchair Handball Federation- IWHF, formando a primeira diretoria: Presidente: Decio Roberto Calegari (Brasil), Vice- presidente: George Costa (Austrália), Secretário geral: Francisco Cortes (Chile) e Diretor Financeiro Cristián Morales Obreke (Chile), além das nomeações das comissões de arbitragem, classificação, pesquisa, desenvolvimento técnico, marketing, atletas e vice presidentes de cada continente.

Devido à importância da classificação funcional na prática do HCR surge o presente estudo centrado na elaboração das diretrizes para a classificação. A idéia que motivou a pesquisa foi concebida diante da necessidade de critérios, regras de acordo com o Código Internacional de Classificação do IPC e da escassez de possibilidades de acordo com as necessidades específicas do atleta de HCR.

Nota-se, portanto que o HCR é uma modalidade esportiva adaptada em ascensão, tanto em seus aspectos pedagógicos quanto competitivos. Espera-se com este estudo contribuir significativamente para a área de classificação da modalidade, bem como para o crescimento da prática deste esporte dentro do princípio de garantir igualdade para competir com outros atletas.

2.2- Metodologia

De acordo com Thomas, Nelson e Silverman (2012), este estudo caracteriza-se como pesquisa descritiva, cuja finalidade é de observar, registrar e analisar o fenômeno estudado, buscando a padronização de técnicas e validação de conteúdos.

Para o desenvolvimento deste estudo foram quatro anos acompanhando os campeonatos brasileiros e sul americanos de HCR promovidos pela ABRHACAR, realizando a avaliação física ou teste de banco, avaliação de movimentos técnicos - Testes de movimentos funcionais e Avaliação por Observação em quadra de todos os atletas, que são procedimentos padrões na classificação de acordo com o Código do IPC.

Com relação a Avaliação Física ou teste de Banco foi desenvolvida uma ficha de avaliação (Anexo I) contendo informações como dados pessoais e uma anamnese. Para elaboração dos Testes de Provas de Função Muscular foram selecionados os músculos dos membros superiores (MMSS) envolvendo as articulações escápulo umeral, cotovelo e punho. E verificado a função de preensão palmar.

Os músculos dos membros inferiores (MMII) também foram selecionados e avaliados, pois contribuem no equilíbrio do tronco juntamente com a musculatura da pelve, além do apoio de pés também contribuirão na estabilização ao executar o arremesso da bola. Envolveu, portanto a musculatura da articulação coxo- femoral, joelho e tornozelo.

Para realização das provas de função muscular, foi utilizada a referência do livro Daniels e Worthingham Provas de Função Muscular (HISLOP. MONTGOMERY,2007), pois é mais detalhado e abrangente apresentando maior confiabilidade no processo de classificação e portanto deve ser preferido. (TWEEDY, WILLIAMS, BOURKE, 2010)

A avaliação da função de tronco é realizada na cadeira de jogo e também pode ser realizada em uma maca, na posição sentada sem apoio de pés. Os movimentos do tronco avaliados são: rotação, flexão, extensão e flexão lateral. Pontuados de 0 a 2.

A avaliação de movimentos técnicos - testes de movimentos funcionais foram desenvolvidos a partir da habilidade do jogador com a bola e a cadeira de rodas associados aos fundamentos do HCR: Condução e controle de bola, passe, recepção e arremesso.

A avaliação por observação – observação em quadra observa-se o volume de ação, ou seja, o limite que cada jogador pode mover-se de forma voluntária em qualquer direção, e, com

controle, retornar para a posição de origem, com ou sem auxílio das mãos para segurar a cadeira de rodas com o objetivo de manter o equilíbrio ou ajudar o movimento, ou seja, inclui o movimento do tronco em todas as direções aplicado aos fundamentos do HCR, principalmente com relação ao arremesso da bola.

2.3 - Princípios, Propósitos e Componentes da Classificação no HCR.

O sistema de classificação é específico para o esporte, ou seja, desenvolvido para o HCR. O propósito é determinar a elegibilidade para competir no HCR e agrupar os atletas dentro das 7 classes para competição. É composto por três partes distintas, de acordo com o Código de Classificação do IPC.

1. Avaliação Física ou Teste de Banco;
2. Avaliação técnica que inclui movimentos específicos do esporte;
3. Avaliação por observação que consiste na observação em quadra.

2.4- Classe Esportiva e Status de Classe Esportiva

Após a avaliação é atribuído à cada atleta uma Classe Esportiva e Status de Classe Esportiva .

A classe esportiva é uma categoria numérica em que o atleta é agrupado pela referência da deficiência e relacionado com a limitação específica da atividade para o HCR. As classes esportivas são pontuadas: 1.0; 1.5; 2.0; 2.5; 3.0; 3.5 e 4.0.

O Status de Classe Esportiva é atribuído para cada atleta para indicar requerimentos de avaliação adicionais e oportunidades de protesto. São três: Nova(N), Revisão(R) e Permanente(P). (Referir ao item 3.1.1).

2.5 - Elegibilidade para o HCR

O handebol em cadeira de rodas é um jogo para pessoas com deficiências permanentes nos membros inferiores (CALEGARI, GORLA, ARAUJO, 2010) ou atleta que possua qualquer deficiência física que acarrete inegável prejuízo funcional na prática do Handebol convencional e que seja classificado de 1.0 (um) a 4,0 (cinco) pontos.

O IPC reconhece 8 tipos de deficiências físicas:

- Deficiência na força muscular: a força gerada pelos músculos ou grupo muscular, como os músculos de um membro, de um lado do corpo ou metade inferior do corpo são reduzidos, como por exemplo, devido a uma lesão medular espinhal, espinha bífida e poliomielite.
- Deficiência na Amplitude de Movimento Passiva: amplitude de movimento em uma ou mais articulações é reduzida de forma sistemática. Hiper mobilidade de articulações, instabilidade da articulação (ex: luxação de ombro), condições agudas como artrite não são incluídas.
- Perda ou deficiência do membro: há ausência total ou parcial dos ossos ou articulações, como consequência de um trauma (exemplo: amputação traumática) ou congênita(exemplo: dismelia).
- Diferença no comprimento das pernas: encurtamento ósseo significativo em uma perna devido à deficiência congênita ou trauma.
- Baixa Estatura: a estatura em pé é reduzida devido às dimensões anormais dos membros superiores e inferiores ou tronco. (por exemplo, acondroplasia)
- Hipertonia: condição caracterizada pelo aumento anormal da tensão muscular e redução da capacidade do músculo para alongar. Pode ser resultado de uma lesão, doença ou condições que envolvam a lesão do sistema nervoso central. Quando a lesão ocorre em crianças com menos de 2 anos de idade, o termo freqüentemente utilizado é a paralisia cerebral, mas também pode ser devida á uma lesão cerebral (acidente vascular cerebral, trauma) ou esclerose múltipla.
- Ataxia: deficiência que consiste em falta de coordenação de movimentos. Quando a lesão ocorre em crianças co menos de 2 anos de idade, o termo freqüentemente utilizado é a paralisia cerebral, mas também pode ser devida á uma lesão cerebral (acidente vascular cerebral, trauma) ou esclerose múltipla.
- Atetose: severa disfunção motora, caracterizada por desequilíbrio, movimentos involuntários e dificuldade de manter a postura simétrica. Quando a lesão ocorre em crianças com menos de 2 anos de idade, o termo freqüentemente utilizado é a paralisia cerebral, mas também pode ser devida á uma lesão cerebral (acidente vascular cerebral, trauma).

2.5.1- Critérios de Elegibilidade Mínima

- Diferença no comprimento das pernas: A diferença de comprimento entre as pernas esquerda e direita deverá ser de pelo menos 6 cm. Para medir, ao atleta deve estar deitado em decúbito dorsal, com as pernas relaxadas e totalmente estendidas. Medir a partir da espinha íliaca ântero-superior até o maléolo medial em cada perna e depois comparar (IWBF, 2010).
- Perda ou deficiência do membro: amputação unilateral da metade do comprimento do pé (medidas do pé não amputado- do hálux até a parte posterior do calcâneo) ou deficiência congênita equivalente (IPC, 2011)
- Baixa Estatura: limite de estatura corporal para homens: 145 cm, e para mulheres de 140 cm (IPC, 2011).

2.6 - Avaliação Física ou Teste de Banco

O teste de Banco inclui uma entrevista e avaliação física. A avaliação física incluiu provas de função muscular e testes de tronco que são anotados na ficha de classificação do HCR. (Anexo I)

Atletas serão solicitados a tirar a camiseta se necessário para a avaliação de movimentos. Atletas do sexo feminino devem usar “tops” apropriados em baixo da camiseta para permitir a remoção da camisa de jogo.

O atleta também pode ser solicitado a transferir para outras superfícies de teste como maca e colchonete.

Na entrevista o atleta informará sobre diagnóstico, anamnese, sensibilidade, espasticidade, contraturas, cirurgias que serão considerados pelo desempenho das tarefas específicas do esporte.

Os classificadores anotam os equipamentos utilizados como faixas e cintos.

Os Testes de Prova de Função Muscular são realizados em músculos selecionados dos membros superiores (MMSS), tronco e membros inferiores. Estes testes podem ser realizados na cadeira de handebol ou em macas.

Para alguns atletas, o teste de prova de função muscular fornece pouca informação útil, como quando a força não é afetada. Por exemplo, a força muscular nem sempre é afetada em atletas com Paralisia Cerebral. No entanto, deficiências como atetose ou ataxia levam à limitação da atividade afetando o desempenho no esporte. As avaliações dos movimentos técnicos e por observação, nesses casos, serão mais úteis na determinação da classe esportiva.

O teste de Tronco avalia a musculatura abdominal, posterior do dorso e pelve em todos os planos e em várias situações. O teste de observação e palpação dos músculos do tronco podem ocorrer com o atleta na cadeira de rodas com ou sem faixa ou cinto.ou na maca.

2.7 - Avaliação de Movimentos Técnicos- Testes de movimentos funcionais

A extensão da limitação da atividade e o impacto no desempenho são confirmados pela avaliação dos movimentos técnicos através de testes específicos ou não do esporte que incluem atividades com a cadeira e a bola. Na avaliação dos movimentos técnicos, os classificadores avaliam estas atividades no ambiente competitivo ou não, com ou sem equipamento.

O classificador pode requisitar que o atleta demonstre atividades como manipulação da bola e atividades na cadeira em várias situações (por exemplo, utilizando-se da cadeira de handebol; e/ou com ou sem equipamento bem como com faixa e cinto.

Atividades que fazem parte dos fundamentos do HCR são descritos para atividades com a cadeira e a bola. Estas tarefas incluem, mas não se limitam à:

- Empurrar a cadeira para frente e para trás;
- Fazer giros, parar e iniciar;
- Mudar de direção (finta);
- Manter a cadeira contra uma resistência (por exemplo, bloqueio);
- Transferências (por exemplo, passar da cadeira pessoal para a cadeira de handebol);
- Preensão, condução e controle da Bola;
- Passe de ombro ou retilíneo, passe picado e passe parabólico;
- Recepção da bola: com uma das mãos e/ou ambas, na altura do tótax, acima da cabeça;

- Driblar a bola com uma das mãos e/ou ambas- alternadamente;
- Recupera a bola do chão;
- Arremessos: frontal ou de Ombro, lateral ou rasteiro e parabólico.

2.8 - Avaliação por Observação - Observação em quadra

Avaliação por observação consiste em observar atividades como manipulação da bola, tarefas com a cadeira e o volume de ação durante o aquecimento, treinamento/ou prática e /ou durante a competição. Com relação ao volume de ação será observado principalmente no arremesso da bola para o gol, sendo um ponto fundamental de diferenciação entre as classes principalmente nas classes de pontos altos.

A extensão da limitação da atividade e o impacto no desempenho esportivo são confirmados na observação em quadra nas atividades com a cadeira e bola, desempenho esportivo fundamental do HCR.

Atribuir uma classe esportiva depende em parte do exame da severidade da deficiência e extensão da limitação da atividade específica baseada na funcionalidade neuromuscular do atleta e não depende do equipamento, treinamento, habilidade atlética ou talento.

O classificador avalia como o atleta desempenha a tarefa e não quão bem desempenha a tarefa.

A banca de classificação pode usar vídeo e/ou fotografia durante a observação em quadra.

Para facilitar a avaliação por observação, foi desenvolvida uma ficha (Anexo II) para que o classificador possa se orientar e poder correlacionar as habilidades com a cadeira e habilidades com a bola de acordo com a classe esportiva.

2.9 Componentes da Avaliação do Atleta

Componentes específicos da avaliação do atleta realizados pelos classificadores descritos nesta seção incluem a avaliação da força muscular, definições de valores de pontos dos membros superiores, inferiores e tronco utilizados como parte da atribuição da classe esportiva.

2.9.1 Teste de Escala da Força Muscular

O teste muscular é um componente importante da avaliação física. Os músculos são classificados em uma escala ordinal de seis pontos usado em testes de força muscular com evidência estabelecida para suportar a validade e fidedignidade destes testes (HISLOP , MONTGOMERY, 2007). A escala de seis pontos está definida no quadro 14.

Quadro 14: Escala de pontos de testes musculares

Pontos	Descrição
0	Ausência completa de contração muscular voluntária. O examinador é incapaz de sentir ou ver qualquer contração muscular.
1	Esboço de contração muscular, sem qualquer movimento do membro. O examinador pode ver ou palpar alguma atividade contrátil do músculo ou pode ser capaz de ver ou sentir quando o tendão salta ou tenciona ao atleta tentar executar o movimento.
2	Contração muscular muito fraca com movimento durante a amplitude de movimento em uma posição que elimina ou minimiza a força da gravidade. Esta posição é muitas vezes descrita como movimento no plano horizontal.
3	O músculo pode ter amplitude de movimento completa contra a resistência da gravidade.
4	Capaz de ter amplitude de movimento completa contra a gravidade e pode tolerar uma forte resistência, sem modificar a posição do teste. No grau 4 claramente o atleta não consegue manter o posicionamento com a aplicação da resistência máxima.
5	Amplitude de movimento completa além de mantém a posição do teste contra a resistência máxima. O examinador não consegue vencer a resistência do atleta.

2.9.2- Valores dos testes manuais e Pontuação dos membros superiores, inferiores e tronco para o HCR 4.

Classe funcional: 1.0

- Com comprometimento de MMSS proximal e/ou distal; simétricos ou assimétricos.
- Função de tronco: 0 ou 1

Exemplos: Tetraplegia, hemiplegia, ataxia, atetose.

Classe funcional: 1.5

- Sem comprometimento de MMSS grau 5
- Sem função de tronco : 0
- Com comprometimento de MMII grau 0

Exemplos: Lesão entre T2-T7

Classe funcional: 2.0

- Sem comprometimento de MMSS grau 5
- Função de tronco: 1
- Com comprometimento de MMII

Exemplos: Lesão entre T8-L1, Desarticulação de quadril bilateral, Amputação de Coxa proximal simétrica bilateral.

Classe Funcional 2.5

- Sem comprometimento de MMSS grau 5
- Com função de tronco normal: 2
- Sem estabilidade de pelve
- Coxa: flexores, extensores, adutores, abdutores: grau: 0-2.
- Joelho: flexores, extensores: grau: 0-2.
- Tornozelo: dorsiflexores e flexores plantares: grau: 0

Exemplos: Lesão em L2-L3, Amputação de coxa media ou distal bilateral simétrica ou assimétrica, desarticulação de quadril unilateral, ou coto proximal.

Classe Funcional 3.0

- Sem comprometimento de MMSS grau 5
- Com função de tronco normal: 2

- Estabilidade parcial de pelve
- Coxa:
 - flexores e adutores: grau:4-5
 - extensores e abdutores: grau: 0-2
- Joelho:
 - extensores grau: 4-5
 - flexores: grau: 0-2
- Tornozelo: dorsiflexores e flexores plantares: grau: 0

Exemplos: Lesão em L4/L5, amputação bilateral simétrica abaixo do joelho proximal, com alavanca para estabilização no assento da cadeira, amputação unilateral transfemural, media/distal ou transtibial sem coto funcional.

Classe Funcional: 3.5

- Sem comprometimento de MMSS: FM: 5,
- Com função de tronco normal: 2
- Estabilidade normal de pelve
- Coxa:
 - flexores e adutores: grau:4-5
 - extensores e abdutores : grau:4.5
- Joelho:
 - extensores grau:4-5
 - flexores: grau:4-5
- Tornozelo:
 - dorsiflexores : grau 4-5
 - flexores plantares: grau: 0-2

Exemplos: Lesão em S1-S2, Amputação transtibial media/distal unilateral.

Classe Funcional: 4.0

- Sem comprometimento de MMSS: FM: 5,
- Com função de tronco normal: 2
- Estabilidade normal de pelve
- Coxa: flexores, extensores, adutores, abdutores: grau: 4-5.

- Joelho: extensores e flexores grau:4-5
- Tornozelo: dorsiflexores e flexores plantares: grau:4-5

Exemplos:

- Amputação transmetatarsiana
- Artrodese de tornozelo
- Critério de Elegibilidade Mínima.

Testes de Tronco

Três áreas que afetam o desempenho na propulsão de cadeira de rodas e nas atividades fundamentais do HCR são avaliadas:

1. Força muscular do tronco;
2. Deficiência do comprimento dos MMII;
3. Força Muscular dos MMII e coxa.

Se o atleta tem deficiência no comprimento dos membros, quando não há deficiência na força muscular do tronco, comprimento dos MMII é a chave para o uso do tronco em atividades esportivas específicas. Por exemplo, quanto maior a deficiência no comprimento dos MMII, maior a limitação do desempenho da atividade esportiva.

A força muscular dos MMII, particularmente os abdutores e flexores da coxa e músculos extensores que estabilizam a pelve melhoraram o contato e o controle da cadeira de rodas, aumentando o uso do tronco em atividades esportivas específicas.

Há quatro testes para avaliação do tronco: flexão, extensão, rotação e flexão lateral.

Sendo:

Grau 0 : sem movimento; na flexão, extensão, rotação e flexão lateral

Grau 1: com movimento incompleto:flexão , extensão, rotação e flexão lateral.

Grau 2: com movimento completo flexão, extensão, rotação e flexão lateral.

2.9.3 Características das Classes Esportivas

Os atletas destas 7 classes esportivas são elegíveis para o HCR: 1.0, 1.5, 2.0, 2.5, 3.0, 3.5 e 4.0.

Atletas em cada classe esportiva possuem habilidades únicas e regras específicas na quadra.

Os atletas algumas vezes são chamados de Pontos Baixos, Pontos Médios e Pontos Altos, que são definidos abaixo como:

Pontos Baixos: Com exceção da classe 1.0 as demais não apresentam comprometimento dos MMSS, mas com comprometimento de tronco.

- Classe: 1.0
- Classe: 1.5
- Classe: 2.0.

Pontos Médios: Definidos por não apresentar comprometimento de tronco e estabilidade parcial de pelve.

- Classe: 2.5
- Classe: 3.0

Pontos Altos: Definidos por estabilidade de pelve e apoio parcial/total de pés.

- Classe: 3.5
- Classe: 4.0

Classe Esportiva 1.0

As tarefas do desempenho do atleta incluem, mas não são limitadas à:

- Demonstra dificuldade na propulsão a cadeira com uma mão ou ambas.
- Pode apresentar assimetria na propulsão da cadeira de rodas e pouca velocidade nas mudanças de direção.
- Deslizamento nulo ou pequeno que consiste em aproveitar a força aplicada na fase de propulsão, de modo a aproveitar um espaço maior de deslocamento com as mãos livres.
- Dificuldade bilateral ou unilateral na frenagem (parar o movimento da cadeira segurando o aro).
- Dificuldade na condução e controle de bola com uma ou ambas as mãos.

- Passe, Recepção e Arremesso limitados por apresentar comprometimento de MMSS.

Classe Esportiva 1.5

As tarefas do desempenho do atleta incluem, mas não são limitadas à:

- Não apresenta dificuldade e ou assimetria na propulsão da cadeira de rodas.
- Pode apresentar lentidão nas mudanças de direção da cadeira de rodas devido a falta de função de tronco.
- Pode apresentar um deslizamento maior se comparado à classe 1.0 devido ao não comprometimento de MMSS, mas ainda limitado pela falta de função de tronco.
- Não apresenta dificuldade na frenagem, mas tem o tronco projetado para frente devido a falta de função de tronco. (uso de faixa abdominal).
- Não possui dificuldade na condução e controle de bola.
- Passe, recepção e arremesso não são limitados pelos MMSS, mas se limitam a falta de função de tronco, ou seja, desequilíbrio de tronco na execução dos movimentos.

Classe Esportiva 2.0

As tarefas do desempenho do atleta incluem, mas não são limitadas à:

- Não apresenta dificuldade e ou assimetria na propulsão da cadeira de rodas.
- Não apresenta lentidão nas mudanças de direção da cadeira de rodas devido (finta) à função parcial de tronco.
- Apresenta deslizamento maior devido ao controle parcial de tronco.
- Sem dificuldade na frenagem rápida, apresentando controle da cadeira devido a função parcial de tronco.
- Executa os três tipos de passes (ombro ou retilíneo, picado e parabólico), mas apresenta instabilidade de tronco ao realizá-los.
- Pode recepcionar a bola com uma das mãos e com as duas em altura média e baixa.

- Realiza arremessos frontal ou de ombro, lateral ou rasteiro e parabólico, mas limitados por causa da falta de função do tronco.

Classe Esportiva 2.5

As tarefas do desempenho do atleta incluem, mas não são limitadas à:

- Não apresenta dificuldade e ou assimetria na propulsão da cadeira de rodas.
- Não apresenta lentidão nas mudanças de direção da cadeira de rodas devido (finta) à função de tronco.
- Apresenta deslizamento maior devido ao controle de tronco.
- Sem dificuldade na frenagem rápida, apresentando controle da cadeira devido a função de tronco, mas ainda instável devido a falta de controle de pelve.
- Executa os três tipos de passes (ombro ou retilíneo, picado e parabólico), não apresenta instabilidade de tronco ao realizá-los.
- Pode recepcionar a bola com uma das mãos e com as duas em altura alta, média e baixa.
- Realiza arremesso frontal ou de ombro, lateral ou rasteiro e parabólico, mas limitados por causa de função de pelve, projeta o tronco para frente, mas não consegue voltar se não segurar no aro da cadeira. Instabilidade frontal e diagonal.

Classe Esportiva 3.0

As tarefas do desempenho do atleta incluem, mas não são limitadas à:

- Apresenta um tempo de deslizamento suficiente para realizar passe, recepção em movimento.
- Realiza arremesso frontal ou de ombro, lateral ou rasteiro e parabólico, com maior estabilidade, pois apresenta controle parcial de pelve. Projeta o tronco para frente, na volta do arremesso, consegue voltar de uma altura média sem apoio de mãos.

Classe Esportiva 3.5

As tarefas do desempenho do atleta incluem, mas não são limitadas à:

- Apresenta um tempo de deslizamento suficiente para realizar passe, recepção em movimento.
- Realiza arremesso frontal ou de ombro, lateral ou rasteiro e parabólico, com estabilidade de tronco, pelve e apoio parcial de pé. Ou seja, consegue voltar com o tronco de uma altura baixa com apoio de mãos.

Classe Esportiva 4.0

As tarefas do desempenho do atleta incluem, mas não são limitadas à:

- Realiza todos os arremessos, ou de ombro, lateral ou rasteiro e parabólico, com estabilidade de tronco, pelve e apoio dos pés. Ou seja, consegue voltar com o tronco de uma altura baixa sem apoio de mãos.
- Não apresenta nenhuma instabilidade, controle total da cadeira de rodas sem apoio de mãos, ou seja, o jogador realiza movimentos, como passe, recepção e arremesso com as mãos livres.

3.0- Procedimentos da Classificação

Essa sessão descreve os procedimentos usados na classificação, especificamente na classe esportiva e no status da classe esportiva, passos da avaliação do atleta, cronograma da avaliação, observação no treinamento, notificação do atleta e os meios de protesto e recurso.

3.1- Atribuição à classe esportiva

Todo atleta que queira competir no Handebol em Cadeira de Rodas precisa ser atribuído a uma classe esportiva e um status de classe esportiva.

3.1.1- Classe Esportiva

A classe esportiva é uma categoria numérica utilizada para agrupar os atletas pela referência a deficiência e a limitação de atividade de tarefas específica do Handebol em Cadeira de Rodas. Existem sete classes esportivas, cujas pontuações variam de 1.0 à 4.0.

3.1.2 Status da Classe Esportiva

Além da atribuição da classe esportiva o atleta de Handebol em Cadeira de Rodas também recebe um tipo de classe, também conhecido como status da classe esportiva. O status da classe esportiva é determinado para cada atleta para indicar a necessidade de avaliações adicionais e oportunidades de protesto.

O status de classe esportiva auxilia na identificação de atletas que:

- Não tenham sido previamente classificados;
- Requerem uma revisão de sua classe esportiva, ou
- Não requerem avaliação do atleta para uma competição específica.

Existem três níveis de status de classe esportiva no HCR:

- Novo (N)
- Revisão (R)
- Permanente (P)

O status de classe esportiva N é usado quando:

- O atleta é novo e nunca foi previamente submetido à avaliação de uma banca de classificação e não tenha dado entrada a uma classe esportiva verificada pela IWHF.
- O atleta que apresenta uma doença progressiva requer avaliação em cada competição. Enquanto o status de classe esportiva N permanecer, a classe esportiva do atleta pode ser modificada a qualquer momento.
- Se o atleta apresentar uma condição inconstante com deficiência flutuante, deve ser revisto antes da competição. O status da classe esportiva N nunca deve ser

removido, quando o atleta apresenta uma deficiência inconstante (que melhora ou piora).

- O atleta apresenta uma doença não progressiva, lesão adquirida. O atleta deve ser removido ou modificado da classe esportiva N para R se forem necessárias revisões.

O status da classe esportiva N inclui atletas que receberam classe esportiva pela ABRHACAR/IWHF para fins de competir em eventos esportivos internacionais.

O atleta com classe esportiva N precisa completar o processo de avaliação a fim de competir em eventos nacionais/internacionais.

Se o atleta deixa o torneio com um status de classe esportiva N, essa avaliação não é considerada como uma das três classificações necessárias para determinação de um status de classe permanente P.

O Status de Classe Esportiva R é usado quando:

- Os atletas precisam de uma observação adicional durante a competição para confirmar sua classe esportiva.

A classe esportiva do atleta é válida para entrar em uma competição, mas o atleta está sujeito a ser reavaliado e a classe esportiva pode ser modificada antes ou durante a competição.

O status de classe esportiva R pode ser adicionado a uma classe esportiva do atleta como parte de um Protesto sobre Circunstâncias Excepcionais (Item 4.4 Circunstâncias Excepcionais).

Quando o status de classe esportiva R é removido de um atleta novo submetido a sua primeira classificação em um campeonato nacional/internacional, essa avaliação será considerada como a primeira classe esportiva nacional do atleta.

Se o atleta deixar o torneio com um status de classe esportiva R, essa avaliação não será considerada como uma das três classificações necessárias para determinação de um status de classe permanente.

O Status de Classe Esportiva P é usado quando:

- A banca avaliou e confirmou que a classe esportiva não irá mudar.

O status de classe esportiva P é designado ao atleta que obteve sua classe esportiva em uma banca nacional em três torneios, sem modificação na classe esportiva ao final da competição. Essas avaliações não podem ocorrer mais que uma vez em um período de 11 meses.

Nota explicativa: Esta regra de 11 meses é implementada para assegurar que o atleta esteja alocado no status de classe esportiva Permanente depois de um período de tempo suficiente para demonstrar que a classe esportiva é estável.

O atleta com status de Classe esportiva P não mudará a classe esportiva exceto no caso de protesto ou sobre circunstâncias excepcionais (Item 4.4) descrito como:

- Há mudança no grau de deficiência do atleta.
- O atleta apresenta uma habilidade antes da competição que não reflete a classe esportiva em que o atleta está alocado.
- Erro cometido pela banca de classificação que tenha levado o atleta a uma classe esportiva que não reflete a habilidade do atleta.
- Há mudança no critério de determinação da classe esportiva (mudança nas regras de classificação).

3.2 Etapas para Avaliação do Atleta

A agenda de classificação para avaliação do atleta estará disponível antes das competições. É de responsabilidade do técnico e do atleta de cada time chegar pontualmente de acordo com o agendamento.

3.2.1 - Apresentação do Atleta para Avaliação

O atleta precisa estar vestido adequadamente e trazer toda documentação, equipamento e aparelhos necessários incluindo, mas não limitado a:

- Documento de identificação com foto.
- Os atletas precisam trazer uma foto para a sessão de avaliação de classificação e entregar ao chefe de classificação do campeonato ou pessoa designada para confeccionar os cartões de classificação da ABRHACAR/IWHF.
- Cadeira de competição.

- Cintos, faixas ou qualquer acessório que o atleta pretenda utilizar durante a competição.
- Trazer todos os equipamentos, mas não vesti-los antes do início do teste de prova de força e função muscular.
- Aparelhos de apoio, como: próteses, órteses usadas durante a competição.

Pode ser requisitado aos atletas remover a parte de cima do uniforme, se necessário, para observar e avaliar a função do músculo e os movimentos durante a avaliação. Atletas do sexo feminino deverão vestir tops apropriados que permitam a remoção da camiseta do uniforme.

Pode ser solicitado aos atletas transferir-se para outras superfícies de teste, assim como: maca, colchonete ou cadeira.

O atleta pode solicitar um acompanhante durante a classificação, que pode ser o técnico, chefe da equipe ou outro membro representante oficial da equipe.

O atleta pode solicitar uma Representação de Jogador, ou um Jogador Membro do Quadro de Classificação, presente durante a classificação.

O chefe de Classificação ou representante designado receberá o atleta e seu acompanhante na área de recepção para:

- Verificar se o atleta possui todos os requerimentos de vestimenta e equipamentos;
- Coletar documentos portados pelo atleta.

Se o atleta tiver condições de saúde que cause dor, limite ou proíba seu máximo empenho durante a avaliação, este pode ser considerado não estar apropriado naquele momento para avaliação. O chefe da classificação pode, assim que possível, remarcar a avaliação do atleta para outro momento. Porém, se o atleta não tiver classe esportiva e status de classe esportiva até o final do Período de Avaliação da Classificação, o atleta não será elegível para competir nessa competição.

3.2.2 - O Termo de Consentimento

Os atletas devem estar de acordo com a avaliação através da assinatura de um formulário de consentimento de classificação indicando disponibilidade e confirmando seu consentimento em colaborar com total empenho e cooperação durante o processo de classificação. (referência ao Anexo II Termo de Consentimento de Classificação).

O Formulário de Consentimento de Classificação deve lembrar ao atleta que caso falhe na cooperação com os classificadores, prejudicando completar o processo de classificação ou intencionalmente representar as habilidades e ou técnicas estão sujeitos a penalidades (Item 3.5 e 3.6).

Ao assinar o Formulário de Consentimento de Classificação inclui, mas não limita o atleta a:

- Boa vontade a se submeter à avaliação completa do atleta, incluindo todos os componentes requeridos e participar com completa cooperação com os classificadores e;
- Ter conhecimento que os classificadores não são responsáveis por eventual dor ou desconforto vivenciado durante a avaliação do atleta.

3.2.3 Instruções para o Processo de Classificação

Antes da avaliação do atleta o membro da banca de classificação irá informar ao atleta e ao seu acompanhante sobre os procedimentos envolvidos no processo de classificação.

É de responsabilidade de todos os atletas e técnicos respeitar o processo de classificação e lembrar que esse processo tem como objetivo beneficiar todos os atletas e a modalidade de Handebol em Cadeira de Rodas.

Dentro dessas considerações, é responsabilidade de todos os atletas e técnicos serem parte integrante do processo de classificação e, em todos os momentos, respeitar os classificadores e seus esforços.

3.2.4 - Avaliação do Atleta

A avaliação física e técnica ocorrem durante o período de avaliação da classificação. A avaliação de observação ocorre durante o período de treino/prática e ou competição.

Os atletas devem se esforçar e cooperar ao máximo durante o processo de classificação. O atleta que na opinião da banca de classificação estiver incapaz ou indisposto para realizar a avaliação deve ser considerado não apto a ser avaliado.

O atleta que na opinião da banca de classificação estiver intencionalmente “representando” suas habilidades e/ou técnicas terá sua atitude considerada como violação das regras de classificação da IWHF.

3.2.5- Atribuição da Classe Esportiva Inicial e do Status da Classe Esportiva

Após a avaliação física e técnica o atleta é alocado em uma classe esportiva inicial e status de classificação esportiva.

- Os classificadores podem se reunir para discutir a classificação do atleta sem o atleta presente.
- O jogador membro do quadro de classificação pode estar presente
- Se essa for a primeira avaliação do atleta ou se os resultados forem inconclusivos após a realização dos testes, uma nova (N) ou uma revisão (R) do status da classe esportiva será atribuído.

Uma vez que a banca de classificação tenha tomado a sua decisão sobre a classe esportiva do atleta, pelo menos um membro da banca de classificação deve informar ao atleta a decisão da equipe de classificação. Isso deve ocorrer o quanto antes após a decisão ser tomada. O atleta deve ser encorajado a discutir o resultado da classificação e realizar qualquer pergunta que lhe ocorrer.

Para qualquer atleta que esteja em revisão (R) para uma decisão entre classes esportivas, a classe atribuída deve ser a maior. Se os membros da equipe precisar votar, a maioria é necessária para decisão.

Ambos, o atleta e o técnico ou representante do time devem estar envolvidos na explicação dos resultados e encorajar a discussão racional para que a decisão ocorra de forma respeitosa e profissional.

O atleta que está em revisão com um N ou um R de status de classe esportiva poderá ser observado durante treinamento e/ou competição para confirmar a classe esportiva e o status da classe esportiva. A decisão final da classe esportiva será feita o quanto antes, dependendo do regulamento do campeonato.

Assim que os membros da banca de classificação confirmarem a classe esportiva do atleta, depois da observação, pelo menos um membro da banca de classificação deve informar o atleta sobre a decisão da banca. Isso deve ocorrer o quanto antes após a decisão ser tomada.

3.3- Notificações de Terceiras Partes

No final de cada sessão, ou de cada dia, durante o período de avaliação de classificação, o chefe de classificação deve transmitir os resultados da classe esportiva atribuída para o comitê organizador local.

O chefe de classificação e/ou o comitê organizador local devem informar todas as partes relevantes do resultado final da avaliação do atleta. A classe esportiva e o status de classe esportiva devem ser postados e ou distribuídos para todos os times no final de cada dia, ou o quanto antes possível.

Quando a classe esportiva inicial for determinada, será emitido ao atleta um cartão de classificação oficial da IWHF.

O chefe de classificação é responsável por preparar o cartão de classificação da IWHF e coletar as taxas determinadas.

3.1.1 - Mudanças na Classe Esportiva resultado da avaliação por observação

Se a banca de classificação determinar qualquer mudança na classe esportiva do atleta durante a avaliação de observação:

- Pelo menos um membro da banca de classificação deverá informar ao atleta e ao comitê organizador local sobre a decisão da equipe de classificação o quanto antes for possível;
- As alterações podem ser postadas ou distribuídas para todos os times no final de cada dia, ou o quanto antes for possível;
- O cartão de classificação da IWHF é recolhido e um novo cartão é preparado com a classe esportiva revisada; sem taxas adicionais.

3.1.2- Cartão de Classificação

O cartão de classificação pode ser obtido nos campeonatos sancionados pela IWHF onde uma banca de classificação certificada pela IWHF avalie o atleta.

O cartão de classificação da IWHF pode ser usado para identificação da classe esportiva em torneios nacionais, regionais e estaduais sancionados pela classificação da IWHF.

O cartão de classificação da IWHF deve ser plastificado.

Atletas devem pagar uma taxa em espécie para perda ou esquecimento do cartão de classificação durante campeonato sancionado pela IWHF.

Se na opinião do chefe de classificação, o cartão de classificação da IWHF for danificado ou inutilizável, o atleta deve substituí-lo e pagar uma taxa em espécie.

O status da classe esportiva (N, R ou P) é marcado no cartão de classificação da IWHF.

Se o atleta tiver uma classe previa da IWRP (por exemplo: o atleta estiver passando pela segunda e terceira avaliação) e não esteja sobre R (não apresenta classe esportiva com status R), e o atleta esteja determinado a ser inelegível, a inelegibilidade do atleta ocorre ao final do torneio.

3.4- Responsabilidades do atleta

Uma vez que o atleta recebe o cartão de classificação oficial da IWHF, é de responsabilidade do atleta apresentar o cartão em todos os campeonatos. A falha ao apresentar o cartão no campeonato resulta no pagamento de uma taxa. Um novo cartão de classificação deve

ser solicitado pelo atleta para participar do campeonato e sua substituição implica no pagamento de uma taxa.

O atleta que não comparecer ao chamado da classificação, não cooperar na avaliação, ou intencionalmente “representar” habilidades e/ou técnicas que não podem ser atribuídas em uma classe esportiva ou status de classificação não poderá participar naquele campeonato, e essa atitude pode ser considerada como uma violação das regras da classificação e ser submetido as sanções determinadas pela IWHF (3.4.1 , 3.5,3.6)

3.4.1- Não comparecimento à convocação da Classificação

Se o atleta não comparecer ao agendamento da classificação, não poderá ser atribuída uma classe esportiva ou um status de classe, portanto não será elegível para competir no campeonato.

Contudo, se o chefe de Classificação estiver satisfeito com uma explicação razoável ao não comparecimento à classificação; deve ser dada ao atleta uma segunda chance para comparecer a avaliação.

Não comparecimento à avaliação inclui:

- Não comparecer na avaliação no horário e local determinado
- Não comparecer a avaliação com os equipamentos e vestimenta adequada e ou documentação solicitada, incluindo fotografia para confecção do cartão de classificação.
- Não comparecer para a avaliação com a presença de um acompanhante, incluindo um tradutor quando necessário

3.5- Não cooperação durante à avaliação

O atleta, que na opinião da equipe de classificação estiver incapacitado ou indisposto a participar do processo de classificação, deve ser considerado não apto durante a avaliação. Porém, se o Classificador Chefe estiver convencido com a explicação dada para justificar a falha do atleta em cooperar durante a avaliação; o atleta deve receber uma segunda e última chance para comparecer e cooperar.

Se o atleta falhar em cooperar, a consequência inclui:

- O atleta não terá atribuição de uma classe esportiva ou em um status de classe esportiva, e não será permitida sua participação no evento.
- O atleta pode não receber uma classe esportiva ou status de classe esportiva até o fim do torneio
- O atleta está sujeito às sanções determinadas pela IWHF.

O atleta que entrar na sala de classificação sobre a influência de qualquer substância ilícita, deve ser considerado como não cooperativo durante a avaliação. Esse atleta será solicitado a deixar o local, sem classe esportiva ou status de classe esportiva determinada e não será permitida sua participação no evento.

3.6- Representação Intencional de Habilidades.

O atleta que pela opinião da equipe de classificação estiver representando intencionalmente habilidades e ou destrezas, terá essa atitude considerada como violação das regras de classificação da IWHF.

Se o atleta representar intencionalmente habilidades ou destrezas, as consequências incluem:

- O atleta não poderá receber uma classe esportiva ou status de classe esportiva, e não será permitida sua participação no torneio.
- O atleta estará sujeito às sanções determinadas pela IWHF.

4.0 - Protestos

O protesto é um procedimento pelo qual é feita uma objeção formal em relação à classe esportiva de um atleta. Esta seção descreve os procedimentos dos protestos incluindo a seqüência para submissão e resolução dos protestos.

4.1 - Princípios Gerais

Os protestos são um direito integral de atletas e classificadores, entretanto, o protesto não deve ser usado de uma maneira que os efeitos sejam injustos aos resultados da competição.

É importante para todos os envolvidos no processo do protesto respeitar os atletas, técnicos e classificadores, e lembrar que a classificação é para o benefício de todos os atletas de Handebol em Cadeira de Rodas.

É igualmente importante respeitar os outros atletas e submeter um protesto somente quando existe dúvida genuína sobre a classe esportiva de um competidor (Comitê Internacional Paraolímpico, 2000).

4.2 - Submissão dos Protestos

Os protestos podem ser submetidos previamente ao chefe da classificação da IWHF antes de uma competição.

4.3 - Oportunidades de Protestos

O status da classe esportiva que é atribuída para um atleta indica as oportunidades de protesto estão disponíveis. As classes de classificação esportiva no Handebol em cadeira de rodas são:

- Novo (N) – Este status indica que o atleta não se submeteu a avaliação para obter uma classe esportiva para competir.
 - Atletas com status de classe esportiva N podem ser protestados depois da atribuição da classe esportiva, pelo atleta, pelo outro time ou pelo classificador chefe.
- Revisão (R) – Este status indica que um atleta submeteu-se a avaliação e obteve a classe esportiva, mas necessita de uma avaliação adicional.
 - Atletas com status de classe esportiva (R) podem ser protestados depois da atribuição da classe esportiva, pelo atleta, outro time ou pelo classificador chefe.
- Permanente (P) - Este status indica que um atleta submeteu-se a avaliação e a classe esportiva foi confirmada para a competição, e não necessita de uma avaliação adicional.
 - Atletas com classe esportiva permanente (P) somente podem ser protestados pelo chefe da Classificação da IWHF sob circunstâncias excepcionais. (Item 3.6)

O atleta que está sendo protestado com um status da classe esportiva (R) está ainda sob a revisão por uma banca de classificação na competição para confirmar a classe esportiva do atleta. Neste caso, o protesto do atleta pode ser aceito e registrado, mas prosseguirá somente à banca de protesto quando a banca de classificação terminar sua avaliação, retirar/remover o status de classe esportiva (R) e confirmar a classe esportiva do atleta para aquela competição.

A avaliação da banca de protesto do atleta será informada do protesto. Se a banca de protesto começar a avaliação do atleta e for incapaz de recolher bastantes evidências para alcançar/tomar uma decisão para conclusão na competição, o protesto poderá ser levado à próxima competição equivalente.

4.4- Circunstâncias Excepcionais

Circunstâncias excepcionais surgirão se o chefe da Classificação da IWHF acreditar que a classe esportiva do atleta não reflete a habilidade para competir de forma justa dentro da classe esportiva.

Circunstâncias Excepcionais podem resultar de:

- mudança no grau de deficiência do atleta;
- o atleta demonstrar significativamente menor ou maior habilidade antes ou durante a competição que não reflete a classe esportiva atual do atleta;
- um erro feito por uma banca de classificação que conduziu ao atleta que está sendo alocado numa classe esportiva que não fosse de acordo com a habilidade do atleta.
- os critérios de atribuição da classe esportiva mudaram desde a avaliação mais recente do atleta.

4.5- Procedimentos para Submissão de Protesto

O número máximo de protestos por atleta: três vezes.

O Chefe da Classificação da IWHF pode protestar uma classe esportiva do atleta sob circunstâncias excepcionais a qualquer momento.

4.5.1 - Submissão de Protesto Prévio para Competição

Os protestos devem ser submetidos no formulário do protesto de IWHF (Anexo – Formulário de Protesto da Classificação). O formulário de protesto oficial pode ser obtido pelo Chefe da Classificação da IWHF ou no Manual de Classificação do HCR.

O formulário de protesto, acompanhado pela taxa de protesto deverá ser submetido ao Chefe da Classificação da IWHF ou designado. O formulário de submissão de protesto deve ser descrito brevemente e claramente os detalhes da decisão sendo protestada e a razão para o protesto.

Se as regras relevantes da classificação não foram seguidas, o Chefe da Classificação ou seu/sua representante irá desconsiderar o protesto e retornará o protesto e a taxa.

Se as regras relevantes da classificação foram seguidas, o Chefe da Classificação ou seu/sua representante notificará todas as partes envolvidas da data para o evento seguinte onde a avaliação do protesto ocorrerá.

Para os protestos que seguem adiante da competição, o Chefe da Classificação da IWHF indicará a banca de protesto da classificação para conduzir o protesto à próxima competição apropriado para aprovação.

O Chefe da Classificação da IWHF fará todos os esforços para assegurar-se de que a fonte do protesto esteja mantida confidencial.

4.5.2 -Submissão de Protestos Durante a Competição

Os protestos podem ser submetidos:

- um representante autorizado do time para submeter o protesto, por exemplo, chefe de missão do time.
- se um atleta deseja protestar sua própria classe esportiva, o atleta deverá ter apoio de seu/sua técnico, e que deve igualmente assinar o formulário do protesto da classificação.

O Chefe da Classificação ou seu/sua representante para aquela competição é a pessoa autorizada para receber protesto daquele evento.

Os protestos devem ser submetidos no formulário do protesto da IWHF. O formulário de protesto oficial pode ser obtido pelo Chefe da Classificação da IWHF, ou pode ser encontrado no Manual de Classificação da IWHF.

O formulário de submissão de protesto deve ser descrito brevemente e claramente os detalhes da decisão sendo protestada e a razão para o protesto.

O formulário terminado, acompanhado pela taxa de protesto deverá ser entregue ao Classificador Chefe da competição ou seu representante.

A taxa de protesto deverá ser reembolsada se o protesto for confirmado, se o protesto não for confirmado o dinheiro permanece com a Comissão de Classificação da IWHF. Baseado no formulário de protesto, o Classificador Chefe da competição conduzirá uma revisão para determinar se todas as informações necessárias estão incluídas. Se parecer ao Classificador Chefe que o formulário de protesto foi submetido sem todas as informações necessárias, o Classificador Chefe ira indeferir o protesto e notificar todas as partes envolvidas.

O Classificador Chefe deverá investigar a validade do protesto submetido verificando o banco de dados da IWHF, verificando as cartas precedentes e/ou contato do respectivo Classificador Chefe para se necessário, esclarecer informações.

Se o protesto for aceito, o Classificador Chefe deverá notificar todas as partes envolvidas da hora e data para algumas avaliações subseqüente do protesto, de acordo com as regras da classificação para o protesto.

O Chefe da Classificação da IWHF e /ou Chefe da Classificação da Competição fará todos os esforços para assegurar-se de que a fonte do protesto seja mantida confidencial.

4.6 - A banca de Protesto durante a Competição

Para a resolução de protestos apresentados antes de um campeonato:

- O chefe de classificação e /ou classificador do campeonato nomeia o chefe da banca de protesto.

Para a resolução de protestos apresentados em um campeonato:

- O chefe de classificação aponta a banca de protesto.

A banca de protesto será composta por classificadores, com experiência igual ou superior do que aqueles membros que estiveram envolvidos na classificação anterior do atleta.

A banca de classificação que foi envolvida na atribuição da classe esportiva a ser protestado não deve resolver o protesto.

O protesto de um atleta pode ser feito até a data limite designada pelo campeonato.

Notificações de prazos para apresentação de protestos em campeonatos específicos serão fornecidas às equipes antes do campeonato

4.7- Resolução do protesto

Uma vez que o classificador Chefe aceita o protesto, o mesmo apresenta a documentação do protesto, e todas as provas escritas suplementares oferecidas em apoio ao protesto, para a banca de protesto com a revisão detalhada do motivo para o protesto. A banca de protesto utiliza essa informação como base para sua análise e responde as perguntas e questões em forma de protesto em sua decisão por escrito.

A banca de protesto inicia a avaliação do atleta sem informação precedente, exceto o que é fornecido no formulário escrito do protesto e nos documentos justificativos, assim a avaliação do protesto é conduzida como se o atleta estivesse tendo sua primeira avaliação da classificação.

A banca de protesto deve conduzir a avaliação sem referência a precedentes originais, tais como formulários da classificação ou formulários prévios do protesto, e sem referência aos membros da banca de classificação que foram envolvidos na determinação da classe esportiva que está sendo protestada.

Geralmente, as observações em quadra são necessárias no procedimento do protesto. Uma sessão inicial da observação pode ocorrer sem notificar o atleta sob o protesto.

- No caso de um auto-protesto, o atleta sabe que está sob o protesto. O atleta e/ou técnico da equipe ou o representante da equipe serão informados da hora e data da avaliação do atleta que pode ser programada antes da observação inicial.
- Se outra equipe submeter o protesto, o atleta e/ou técnico da equipe ou o representante será informado do protesto o mais cedo possível após a observação

inicial ter ocorrido. O atleta e o técnico ou o representante da equipe serão informados da hora e da data da avaliação do atleta.

A banca de protesto da classificação avaliará o atleta sob o protesto em uma outra avaliação física e técnica.

- O atleta pode ter seu técnico ou um representante da equipe e um tradutor presente caso necessário, para as avaliações físicas e técnicas.

A observação adicional pode ser necessária após a avaliação física e técnica.

A banca de protesto tomará uma decisão sobre o protesto o mais cedo possível depois da coleta de toda a informação necessária para chegar a uma decisão.

Se a banca de protesto for incapaz de chegar à um consenso , não há a necessidade de votação, uma decisão da maioria é necessária.

- Esta decisão é tomada por uma votação aberta, e não por voto secreto.
- Os votos individuais não são registrados.

Se a banca de protesto não for capaz de reunir provas suficientes para tomar uma decisão até o final do campeonato, o protesto deve transitar para o próximo período de outro campeonato.

Incapacidade para tomar uma decisão pode resultar em:

- Tempo insuficiente de jogo, por qualquer motivo, necessário fazer observações em outro lugar;
 - Se houver um número insuficiente de classificadores para montar uma boa banca de protesto no campeonato e / ou;
 - Vários protestos arquivados em um campeonato em que as bancas não são capazes de completar todos os protestos naquele campeonato.
- Protestos são tratados na ordem em que são apresentados ao Chefe da Classificação ou o seu representante
 - Garantindo que os protestos serão tratados na ordem em que forem apresentados, o tempo de depósito é anotado sobre as formas de protesto, quando apresentado para o Classificador Chefe ou o seu representante.

4.8- Notificação da decisão do protesto

Todas as equipes relevantes serão notificadas da decisão do protesto de acordo com os itens 3.2.5, 3.3 e 3.3.1 da avaliação do atleta em decisões de informação da classe esportiva do atleta e em notificação de terceiros.

4.8.1 - Informar os atletas das decisões de classe esportiva e resultado de auto-protesto

- Quando a banca de classificação toma uma decisão no protesto, pelo menos um membro da banca de classificação informará ao atleta da decisão. Isto deve ocorrer o mais cedo possível depois que a decisão esteja de acordo com os itens 3.2.5 e 3.3.1.
- A equipe e/ou o atleta que submetem o auto-protesto devem estar munidos de uma cópia do formulário do protesto que inclui a decisão escrita pela banca de protesto.

4.8.2- Informar as decisões da classe esportiva como resultado de um protesto de outra equipe.

Quando a banca de classificação tomar uma decisão, pelo menos um membro da banca de classificação informará o atleta sobre a decisão da banca de protesto. Isto deve ocorrer o mais cedo possível depois que a decisão estiver de acordo com os itens 3.2.5 e 3.3.1.

- A banca não informa ao atleta qual a equipe que fez o protesto, somente da decisão do tomada.
- A banca informa à equipe que submete o protesto com uma explicação escrita da decisão no formulário do protesto; e pode informar verbalmente a equipe para submeter o protesto assim que for possível. Se o tempo ou as circunstâncias não permitirem uma reunião, a decisão é dada no formulário de protesto da IWHF.

Nota explicativa: O protesto pode ser apresentado por outra equipe, e não ser concluído naquele campeonato, será apresentado no próximo campeonato. Se a equipe da apresentação do protesto não estiver presente no próximo evento equivalente quando o protesto for concluído e não puder ser verbalmente informado em uma reunião, uma notificação por escrito da decisão tomada é fornecida para a equipe que apresentou o protesto, assim que logisticamente for possível após a conclusão do campeonato.

4.9 - A decisão do protesto: tempo limite

A mudança da classe esportiva em consequência de um protesto deverá ocorrer antes do começo das semifinais da competição, entretanto, se a decisão é feita depois do começo das semifinais a mudança será executada no final da competição.

5.0 - Recursos

O recurso é utilizado para descrever um procedimento de questionamento formal em relação a um protesto de classificação que está em andamento, o qual será submetido e resolvido de maneira subsequente.

6.0 - Elegibilidade para se tornar um classificador

Classificadores são pessoas com formação nas áreas da saúde, com experiência em avaliação e teste neuromuscular, como os profissionais em medicina, fisioterapia, terapia ocupacional e educação física.

- Experiência na avaliação de pessoas com seqüelas físicas e limitação dos movimentos, especialmente, as mais comuns para a prática de HCR (seqüelas neurológicas, ortopédicas, amputações ou seqüelas similares).
- Conhecimento em Handebol em cadeira de rodas ou outro esporte em cadeira de rodas, ou ainda demonstrar entusiasmo e interesse em aprender a modalidade;
- Demonstrar competência em teste muscular manual de membros superiores, membros inferiores e tronco.

6.1- O Classificador

Classificador é uma pessoa autorizada oficialmente pelo departamento de classificação da IWHF para avaliar atletas, quando for convidado para fazer parte da banca de classificação de um determinado evento.

Classificadores não determinam classes esportivas nacionais ou internacionais de maneira individual. Classificadores trabalham como membros de uma banca de classificação.

Durante uma competição, membros da banca de classificação não devem ter outras obrigações ou responsabilidades oficiais que não estejam conectados com a classificação.

Os deveres de um classificador incluem os seguintes itens abaixo, porém, não está limitado para:

- Trabalhar como membro da banca de classificação para classificar atletas em uma classe esportiva e um status de classificação;
- Trabalhar como membro da banca de um protesto para solucionar e administrar possíveis objeções quanto a classe atribuída ao atleta;
- Assessorar os classificadores em treinamento atendendo a solicitação do coordenador de classificação da IWHF, assim como, organizar seminários, auxiliar no trabalho em equipe, realizar workshops;
- Durante a competição o classificador não pode ter qualquer outra função na organização do evento;
- Manter confidencia das informações relacionadas a classificação dos atletas até que seja divulgado sua classe;
- Respeitar e fazer respeitar o código de ética internacional de classificação;
- Se estiver ligado a um clube ou outra entidade nacional que desenvolva o handebol em cadeira de rodas, o classificador não deverá atuar na Banca de Classificação no evento em que esse clube estiver participando.

6.2 - Do aprendiz de classificação

O aprendiz de Classificação é a pessoa que está no processo de treinamento formal. O treinamento formal pode ser o básico (informativo) ou introdutório (formativo), ou treinamento mais avançado.

O Aprendiz que ainda não é certificado pela Comissão de Classificação da IWHF como um classificador, não pode ser designado como membro de uma banca de classificação nas bancas de classificação da IWHF. Esta pessoa ainda é incapaz de realizar uma classificação desportiva, seja ela nova ou de revisão.

O aprendiz pode ser indicado pela Comissão de Classificação da IWHF como um Classificador em Treinamento para obter um nivelamento mais alto em uma banca de Classificação, de acordo com a sua experiência em bancas anteriores;

Os Deveres do Aprendiz incluem os seguintes itens, mas não são limitados para:

- Participação ativa para aprender as regras da classificação com o propósito de desenvolver competências e proficiências na avaliação e classificação de Atletas;
- Comparecer as reuniões de Classificação, seminários e cursos de treinamento;
- Em casos raros onde um Membro da Banca de Classificação ficar doente ou tiver uma emergência que o impossibilite de atuar, um aprendiz com experiência de classificação, (ou um classificador previamente certificado que tenha experiência como um aprendiz) pode ser certificado e designado para trabalhar como um Membro da banca de classificação, se o classificador se encontrar apto e cumprir com as exigências.
- Dever ser assegurado que um Aprendiz de Classificação não tem nenhuma responsabilidade como um Membro da Banca de Classificação, da delegação do evento ou qualquer outra função relacionada ao atendimento dos jogadores. Assim como a sua participação como Aprendiz não garante a certificação para uma troca de nível mais elevado.

7.0 - Certificação do Classificador

A Certificação de Classificador estabelece que a pessoa tenha as competências exigidas para a prática como um classificador em Handebol de Cadeira de Rodas. Os Classificadores treinados serão certificados pela Comissão de Classificação da ABRHACAR em três níveis:

Nível 1 – Classificador Estadual – fez parte de uma banca de classificação.

- Este nível de certificado é concedido àqueles que já tenham participado de um processo de classificação como aprendiz.
- Este nível de certificação indica que o profissional pode participar da Banca de Classificação para a distribuição de Classe Desportiva nos eventos estaduais promovidos pela ABRHACAR;

Nível 2 – Classificador Regional - fez parte de duas bancas de classificação

- O classificador que completou o treino básico formal prosperamente e foi certificado pela Comissão de Classificação da ABRHACAR como um Membro de uma Banca de Classificação no Painel de Classificação Regional, após ter cumprido os requisitos como Classificador Estadual;

- Este classificador pode participar na tarefa de Classe Desportiva com a supervisão de classificadores mais experientes, como o Classificador Nacional;

Nível 3 – Classificador Nacional – participação em três bancas de classificação

- O classificador que completou o treinamento avançado formal prosperamente e foi certificado pela Coordenação de Classificação da ABRHACAR como um Membro de uma Banca de Classificação para atuar no Painel de Classificação de uma competição nacional, após ter cumprido os requisitos como Classificador Regional;

- Este classificador participa na tarefa de Classe Desportiva com a supervisão de um classificador mais experiente, como um Classificador Internacional, e pode requerer a supervisão de classificadores mais experientes em decisões de elegibilidade, protestos e outras dúvidas possíveis;

- Este classificador está apto para participar de uma Banca de Classificação Internacional supervisionado por classificadores internacionais.

7.1 - Os Critérios de certificação

As competências e/ou habilidades mínimas e específicas para certificação a cada nível, incluem os seguintes itens, mas não são limitados para:

Nível 1 - Classificador Estadual

- Curso formal básico completo supervisionado por um Classificador, reconhecido pela ABRHACAR;

- Assinar o Código de ética da ABRHACAR;

- Demonstrar conhecimentos básicos do Handebol em Cadeira de Rodas;

Nível 2 – Classificador Regional

- Participação em duas bancas de classificação.

- Executar teste de banco completo, testes funcionais, e avaliação em jogo;

- Demonstrar habilidade para avaliar o atleta de forma independentemente e promover explicações dos resultados encontrados para a sua Classificação, com o intuito de esclarecer ao Atleta ou seu acompanhante.

- Comunicar com o Classificador Chefe assuntos relativo à classificação e a competição específica;

- Buscar orientação e ajuda com os companheiros quando preciso;

- Demonstrar habilidade para orientação do Classificador Estadual em treinamento;

- Manter-se atualizado nos seminários promovidos pela Comissão de Classificação da ABRHACAR;

Nível 3 – Classificador Nacional

- Curso avançado completo, supervisionado por um Classificador reconhecido pela ABRHACAR;

- Participação em três bancas de classificação.

- Executar teste de banco completo, testes funcionais, e avaliação em jogo;

- Demonstrar habilidade para avaliar o Atleta independentemente e promover explicações de resultados encontrados para a Classificação, com o intuito de esclarecer ao Atleta ou seu acompanhante;

- Comunicar com o Classificador Chefe assuntos relativo à classificação a competição específica;

- Buscar orientação e ajuda com os companheiros quando preciso;

- Demonstrar habilidade para orientação do Classificador Regional em Treinamento;

- Manter-se atualizado nos seminários promovidos pela Coordenação de Classificação da ABRHACAR;

- Demonstrar **proficiência na língua inglesa** para participar de Workshop Internacional promovido pela ABRHACAR.

7.2 - Avaliação das competências

A avaliação das competências para obter a certificação como Classificador incluem os critérios de conhecimento teórico e formação básica, os critérios de certificação supracitados, além da participação nos seminários promovidos pela ABRHACAR. O Classificador deverá

submeter sua agenda de participação em Bancas de Classificação a Coordenação de Classificação da ABRHACAR.

O Classificador será avaliado em áreas específicas conforme identificado no formulário de certificação do Departamento de Classificação da ABRHACAR, que incluem: profissionalismo, imparcialidade, trabalho em equipe, tempo de realização dos testes, Inglês (fala e escrita), organização pessoal, habilidade de observação do jogador em quadra, comunicação, capacidade de decisão, tempo da agenda, conhecimento das regras e regulamento, habilidade de ensinar, experiência clínica.

7.3 - Aprovação das competências

A certificação deverá ser aprovada por um Classificador de mais alto nível reconhecido pela ABRHACAR e pela Comissão de Classificação da ABRHACAR.

A participação como Membro da Banca de Classificação apenas, não garante a troca de nível ao certificador, o desempenho dos critérios observados no formulário do Classificador será preponderante na mudança do nível, assim como o classificador que não atender tais critérios poderá permanecer no nível ou ainda descer de nível.

Um plano de ação será desenvolvido para assegurar o melhor desempenho do Classificador nas etapas subsequentes.

O Classificador que ficar sem atuar como Membro de uma Banca de Classificação por um período de um (1) ano, será rebaixado de nível automaticamente.

7.4 - Código de Ética do classificador

O papel do Classificador é ter uma conduta imparcial na avaliação para determinar uma classe esportiva e status ao atleta. A integridade do Classificador requer profissionalismo e uma conduta ética entre cada um dos Membros de uma Banca de Classificação.

- Todo Classificador deve assinar o código de ética da IWHF indicando concordância na conduta profissional.
- O Classificador deve valorizar o respeito mútuo ao atleta dando um suporte e tratamento digno, como ser paciente e compreensivo as dificuldades por ora apresentadas.

- Ser cauteloso, objetivo, honesto e imparcial com todos os atletas durante a classificação, independente do clube, filiação ou origem da sua nação;
- Ter responsabilidade em todas as ações e decisões, ser aberto para discussão e interação com o atleta e seu acompanhante, oferecendo suporte para o esclarecimento das regras de classificação, protesto, das regras da competição ou do jogo em si;
- As obrigações e responsabilidades do Classificador também incluem não estar sob o efeito de álcool ou outra substância ilegal;
- Manter confidência sobre as informações do Atleta sempre que possível, de acordo com as regras de classificação internacional, evitando comentários durante a observação do Atleta em jogo, assim como nos lugares em público.
- O Classificador deverá respeitar e fazer respeitar as regras de classificação no que diz respeito ao entendimento da teoria e prática de classificação, assim como, esclarecer ao Atleta e seu acompanhante.
- Pontualidade e honestidade representa uma qualificação indispensável ao Classificador em treinamento ou quando estiver marcado para aplicar uma avaliação;
- Não aceitar qualquer dinheiro ou objetos que caracterize corrupção financeira, política ou interesse pessoal sobre a avaliação do Atleta;
- Não manter relacionamento durante a Banca de Classificação ou evento com o time, atleta ou acompanhante que caracterize conflito de interesses;
- O Classificador deve respeitar os colegas de trabalho;
- Tratar todos os Classificadores como colegas, no relato e discussão da avaliação dos atletas de forma confidente;
- Tratar os colegas com profissionalismo, dignidade e cortesia, não fazer críticas inapropriadas a outro classificador em público;
- Manter o respeito de privacidade na decisão de uma classe dada por outro Classificador ou Chefe de Classificação, concordando ou não com a sua decisão;
- Divulgar os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos em Workshop ou seminário com colegas com o Nível de Classificação mais baixo ou em treinamento.

7.5 - Níveis de Certificação Internacional

Existem quatro níveis de certificação fornecidos pela IWHF:

Nível 1 – Classificador Nacional

- Este nível de certificação é oferecido apenas aos que querem classificar em seu país de origem.
- Este nível de certificação indica que o classificador pode participar na atribuição de classes esportivas no seu país.
- Este classificador está impossibilitado de atribuir classes esportivas continentais ou internacionais.

Nível 2 – Classificador Regional

- Classificador que completou com sucesso seu treinamento de formação básica e foi certificado pela IWHF como membro de uma banca de classificação.
- Se o classificador foi treinado por uma banca continental, então pode ser certificado com Classificador Nível 2.
- Um classificador em treinamento com uma certificação nacional Nível 1 pode participar de uma banca internacional e receber uma certificação internacional; se o classificador está autorizado a trabalhar na sua região com outros classificadores mais experientes, ainda não está capacitado para trabalhar independentemente em um evento internacional .
- Se o classificador foi treinado por uma banca internacional, então pode ser certificado como Classificador de Nível 2 Internacional.
- Este classificador pode participar na atribuição de classes esportivas com supervisão de classificadores mais experientes.

Nível 3 – Classificador Internacional

- Este classificador completou com sucesso o treinamento de formação avançada e foi certificado como membro de uma banca de classificação em uma competição internacional.
- Este classificador participa na atribuição de classes esportivas sem supervisão de classificadores mais experientes e pode requerer supervisão mínima desses classificadores em decisões de elegibilidade, protestos e recursos.

Nível 4 – Classificador Sênior

- Este classificador completou com sucesso o treinamento de formação avançada e foi certificado como membro de uma banca de classificação em uma competição internacional.

- Este classificador demonstrou o nível mais alto de experiência como classificador, incluindo administração, certificação e treinamento.

7.6 - Avaliação de Competências

Métodos de obtenção da certificação incluem formação teórica através de workshops de treinamento básico e avançado ou seminários, aplicação de conhecimento e ensino prático através de treinamento com uma banca de classificação e tutoria.

Critérios de Certificação

Existem competências específicas para a certificação em cada nível. Critérios mínimos para certificação e avanço incluem, mas não estão limitados a:

Nível 1 Classificador Nacional

1. Completar o workshop de formação básica supervisionado por um classificador internacional da IWHF de nível 3 ou 4.
2. Assinar o Código de Ética da IWHF.
3. Demonstrar conhecimento básico do jogo de handebol.
4. Começar a documentar experiências e atividades no handebol.

Nível 2 Classificador Regional

1. Demonstrar mínimo de um ano com a classificação nacional.
2. Realizar os testes completos de banco, funcional e observação em quadra.
3. Demonstrar habilidade para avaliar atletas independentemente e fornecer explicações dos resultados para a banca de classificação, atletas e pessoal de apoio.
4. Comunicar com o Chefe de Classificação sobre questões de classificação em uma determinada competição.
5. Procurar orientação e assistência quando necessário.
6. Se o treinamento for com uma banca regional, o classificador pode ser certificado como Nível 2 Regional
7. Se o treinamento for com uma banca internacional, o classificador pode ser certificado como Nível 2 Internacional.

Nível 3 Classificador Internacional

1. Concluir o workshop avançado, supervisionado por um classificador internacional da IWHF de nível 3 ou 4.

2. Demonstrar mínimo de dois anos de experiência como classificador de Nível 2.
3. Nomeado como membro da banca em pelo menos um torneio internacional.
4. Instruir toda ou parte de um workshop básico supervisionado por outro classificador internacional da IWHF de nível 3 ou 4.
5. Experiência como Chefe de Classificação em um torneio com no mínimo quatro equipes participantes.
6. Explicar o procedimento de protesto e requerimentos de elegibilidade para a banca de classificação, atletas ou pessoal de apoio.

Nível 4 Classificador Sênior

1. Demonstrar habilidades de liderança e atividades em matérias relacionadas à classificação, tal como administração e gerenciamento de classificação.
2. Participação contínua em treinamento e certificação de classificadores, tais como ensino em oficinas avançadas e supervisão/orientação de instrutores em oficinas básicas e avançadas.
3. Participação ativa nas reuniões da Comissão de Classificação da IWHF
4. Participação contínua como membro da banca de classificação em nível internacional, regional e/ou nacional (especificamente servir como membro em no mínimo duas bancas de classificação dentro de um período de quatro anos para manter a certificação como Nível 4).

8- Discussão

Desenvolveu-se no presente estudo, diretrizes em relação à padronização e normatização da classificação do HCR de acordo com o Código de Classificação do Comitê Paralímpico Internacional (IPC), visando assegurar a responsabilidade e princípios de um jogo justo, a proteção de atletas e classificadores, avaliação dos atletas, distribuição das classes esportivas, status de classe esportiva, protestos e recursos. Além disso, foi estabelecida a readequação das 10 classes funcionais (CALEGARI, 2011) para 7 classes (1.0, 1.5, 2.0, 2.5, 3.0, 3.5 e 4.0) para a prática do HCR, unificando as classes 0.5 e 1.0 e redistribuindo as classes altas 3.0 , 3.5 , 4.0 , 4.5 e 5.0 de acordo com a pontuação de testes de força muscular e observação em

quadra, diferenciando uma classe da outra e conseqüentemente garantir que o atleta possa competir em condição de igualdade com outros atletas (IPC, 2007).

A junção da classe 0.5 (comprometimento proximal de MMSS e sem função de tríceps) com a classe 1.0 (comprometimento distal dos MMSS bilateral ou unilateral) foi devido a classe 0.5 não apresentar função necessária para a realização dos fundamentos do handebol como o manejo da cadeira de rodas e manipulação de bola, tornando inviável a participação deste atleta em competições de alto rendimento. No entanto, estes atletas não estão excluídos para a prática do HCR, por exemplo, no HCR 7 que visa mais o lado da inclusão, poderão ser aproveitados mas com orientação de que outras modalidades poderão ser mais adequadas para a prática.

Um dos princípios adotados para a readequação das classes, além dos testes de força muscular, de acordo com Hislop e Montgomery (2007) e as características das classes esportivas que são observadas em quadra, foi com relação ao comprometimento ou não de MMSS, tronco (sem função, parcial, total), pelve (sem função, parcial, total) e apoio de pés (sem função, parcial, total), que estão diretamente relacionados com a limitação da execução das tarefas, ou seja, realização dos fundamentos do handebol.

A tarefa de criar classes pode ser tratada a partir do relacionamento entre deficiência e limitação da atividade em um determinado esporte tem sido descrita (Tweedy e Vanlandewijck, 2011). Os mesmos autores trazem o conceito de classes naturais, ou seja, são classes que apresentam características únicas, por exemplo, amputados de membros inferiores acima dos joelhos possuem maior limitação na execução da atividade, do que os amputados abaixo dos joelhos, indicando que devem competir em classes diferentes. Por outro lado, são observados a participação de atletas que não se enquadram nas classes naturais. Neste caso, são estabelecidos os limites de abrangência na mesma classe esportiva em virtude da limitação da atividade. Entretanto, a abrangência da limitação da atividade não poderá ser estendida a ponto de ser observada vantagem competitiva quando comparado o atleta de maior ao de menor comprometimento. Por exemplo, tetraplegia e paraplegia os atletas não devem competir na mesma classe de corrida de cadeira de rodas porque o intervalo de limitação de atividade resultante da deficiência em uma classe seria muito grande.

É fundamental que o número de classes de um determinado esporte esteja de acordo com base destes princípios objetivos. Quando o número de classes foi determinado, é o papel das federações desportivas e seus administradores para pôr em prática uma promoção eficaz e

estratégias de retenção para maximizar a participação e garantir competitividade entre as classes. (Tweedy e Vanlandewijck, 2011).

Com relação aos critérios de elegibilidade que detalha como o atleta pode ser considerado elegível para competir, serão definidos para cada esporte pela respectiva Federação Internacional (F.I). Cada F.I terá critérios de elegibilidade com base nas tarefas específicas necessárias para competir em cada esporte. Como consequência, um atleta pode cumprir critérios de elegibilidade em um esporte, mas pode não ser elegível para competir em outro esporte. A elegibilidade para competir deve ser avaliada de acordo com a deficiência que leva a uma limitação de atividade permanente e verificável. (IPC, 2007)

Na busca de uma identidade para a classificação do HCR respeitando o princípio da relação entre deficiência e limitação na execução dos fundamentos do handebol, houve, portanto, a influência de algumas modalidades como o basquete em cadeira de rodas, rugby em cadeira de rodas e atletismo, no sentido de conceitos como o volume de ação do BCR, o critério mínimo de elegibilidade do atletismo e BCR e a questão administrativa do RCR, contribuindo na construção do desenvolvimento do sistema de classificação do HCR.

A aplicação do sistema de classificação para o HCR, desenvolvida por este estudo, foi realizada em 2012 a Copa Libertadores da América de HCR com a participação de equipes chilenas e brasileiras como um estudo piloto. No geral houve uma boa aceitação dos novos critérios, mas a questão da elegibilidade e critério mínimo precisou ser mais detalhado e fundamentado.

Com a realização do 1º Campeonato Mundial de Handebol em Cadeira de rodas, realizado em Curitiba-PR, nos dias 21-28 de outubro de 2013, com a participação das equipes da Argentina, Austrália, Chile, Bolívia, Brasil e Uruguai e representantes de Portugal e Colômbia, foi fundada a Federação Internacional de Handebol em Cadeira de rodas e foi também apresentada as novas diretrizes da classificação do HCR que foi aceita e será aplicada no próximo mundial previsto para 2015 em Melbourne na Austrália.

9- Considerações Finais

A classificação faz parte das regras do esporte paralímpico, fornece a estrutura para a competição, garante que a deficiência do atleta seja relevante no desempenho esportivo além de promover condições de igualdade entre os atletas.

Nesta perspectiva, o presente estudo teve por finalidade desenvolver um sistema de classificação no HCR de acordo com o Código Internacional de Classificação do IPC, sendo que, sua aplicação faz parte de um grande passo para tornar o handebol em cadeira de rodas em uma modalidade paralímpica juntamente com a fundação da Federação Internacional de Handebol em Cadeira de rodas- IWHF.

Com o número crescente de atletas, evolução na execução dos fundamentos do HCR, modificações poderão surgir na tentativa de realinhar o HCR de alto rendimento a uma classificação que acompanhe essa evolução e neste sentido, com a aplicação deste estudo, pesquisas deverão ser realizadas, associando a classificação do HCR com o desempenho motor, biomecânica, validação de testes e protocolos, assim como testes de confiabilidade, buscando conhecimento e fundamentação científica.

A tradução para outros idiomas como o inglês e espanhol fará parte da divulgação e aplicação pelos países que praticam o HCR através da Federação Internacional de Handebol em Cadeira de Rodas- IWHF.

10 - Referências Bibliográficas

ALTMANN, V.C., GROEN, B.E., LIMBECK, J., VANLANDEWIJCK, Y.C., KEIJSERS, N.L.W. Reliability of the revised wheelchair rugby trunk impairment classification system. **Spinal Cord**. p.1-6, 2013.

BAILEY, S. **Athlete First: A History of the Paralympic Movement**. London: Wiley and Sons, 2008.

BECKMAN, E. M., TWEEDY, S. M. Towards evidence-based classification in Paralympic athletics: evaluating the validity of activity limitation tests for use in classification of Paralympic running events. **British journal of sports medicine**. v.43, n.13, p. 1067-72, 2009.

BEDNARCZYK, J. H., SANDERSON, D. J. Comparison of functional and medical assessment in the classification of persons with spinal cord injury. **Journal of rehabilitation research and development**, v.30, n.4, p. 405-11, 1993.

BRASILE, F. M. Wheelchair Basketball Skills Proficiencies versus Disability Classification. **Adapted physical activity quarterly**. v.11, n.6-13, 1986.

BRASILE, F. M. Performance Evaluation of Wheelchair Athletes: More Than a Disability Classification Level Issue. **Adapted physical activity quarterly**. v.7, n.4, p. 289-297, 1990.

CALEGARI, D.C. GORLA, J.I.; ARAÚJO, P.F. **Handebol em Cadeira de Rodas: Regras e Treinamento**. São Paulo: Phorte, 2010.

CALEGARI, D.C. Adaptação do Handebol para a prática em cadeira de rodas. 2010.130f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

CALEGARI, D. R.; GORLA, J. I.; CARMINATO, R. A.; **Handebol Sobre Rodas**. Anais do CONBRACE. Porto Alegre, 2005b. Disponível em: www.hcrbrasil.com.br

CBHb, História do Handebol. Disponível em: http://www.brasilhandebol.com.br/noticias_detalhes.asp?id=27174&moda=002&area=&ip=1 < >
acessado em 24/07/2013.

CHOW, J. W., MINDOCK, L. Discus throwing performances and medical classification of wheelchair athletes. **Medicine and science in sports and exercise**. v.31, n.9, p.1272-9, 1999.

CHOW, J. W., CHAE, W. S., CRAWFORD, M. J. Kinematic analysis of shot-putting performed by wheelchair athletes of different medical classes. **Journal of sports sciences**. V.18, n5, p.321-30, 2000.

CHOW, J. W., KUENSTER, A. F., LIM, Y. Kinematic analysis of javelin throw performed by wheelchair athletes of different functional classes. **Journal of Sports Science and Medicine**. V.2, p. 36-46, 2003.

CRESPO-RUIZ, B. M., DEL AMA-ESPINOSA, A. J., GIL-AGUDO, A. M. Relation between kinematic analysis of wheelchair propulsion and wheelchair functional basketball classification. **Adapted physical activity quarterly**. 28, n.2, p. 157-72, 2011.

CUNHA, A.; LIBERATO, A.; IRINEU, J. O ensino do andebol. In: GRAÇA, A.; Oliveira, J. (Orgs). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. Porto: FCDEF-UP, 1995. p 49 - 61.

CURTIS, K. A., KINDLIN, C. M., Reich, K. M. Functional Reach in Wheelchair Users: The Effects of Trunk and Lower Extremity Stabilization. **Arch Phys Med Rehabil**, v.76, n.4, p.360-367, 1995.

DALY, D. J., VANLANDEWIJCK, Y. Some Criteria for Evaluating the "Fairness" of Swimming Classification. **Adapted physical activity quarterly**, v.16, p.271-289, 1999.

DE LIRA, C. B., VANCINI, R. L., MINOZZO, F. C., SOUSA, B. S., DUBAS, J. P., ANDRADE, M. S., STEINBERG, L. L. Relationship between aerobic and anaerobic parameters and functional classification in wheelchair basketball players. **Scandinavian journal of medicine & science in sports**, v.20, n.4, p. 638-43, 2010.

DEPAUW, K., GAVRON, S. **Disability Sport**. 2.ed. Champaign: Human Kinematic, 1995.

DOYLE, T.L.A., DAVIS, R.W., HUMPHRIES, B., DUGAN, E.L., HORN, B.G., SHIM, J.K. Further evidence to change the medical classification system of the National Wheelchair Basketball Association. **Adapted physical activity quarterly**, 21, p.63-70, 2004.

FROSSARD, L. Performance dispersion for evidence-based classification of stationary throwers. **Prosthetics and orthotics international**, v.36, p.3, p. 348-55, 2012.

GEHLSSEN, G. M., KARPUK, J. Analysis of the NWAA Swimming Classification System. **Adapted physical activity quarterly**. 9, p.141-147, 1992.

GROOT, S. D., BALVERS, I. J. M., KOUWENHOVEN, S. M., JANSSEN, T. W. J. Validity and reliability of tests determining performance-related components of wheelchair basketball. **Journal of Sports Sciences**, v.30, n.9, p.37-41, 2012.

HIGGS, C., BABSTOCKP., BUCK, J., PARSONS, C., BREWER, J. Wheelchair Classification for track and Field Events: A Performance Approach. **Adapted physical activity quarterly**, v.7, p.22-40, 1990.

HISLOP, H.J.; MONTGOMERY, J. Daniels and Worthingham's Muscle Testing: Techniques of Manual Examination. 8.ed. Saunders, 2007.

HUTZLER, Y., OCHANA, S., BOLOTIN, R., KALINA, E. Aerobic and anaerobic arm-cranking power outputs of males with lower limb impairments : Relationship with sport participation intensity, age, impairment and functional classification. **Spinal Cord**, v.36, p. 205-212, 1998.

IHF, History of the International Handball Federation. Disponível em < <http://www.ihf.info/TheIHF/Profile/tabid/74/Default.aspx> > acessado em 24/07/2013.

IPC. IPC Athletics Classification manual for Physical Impairments. Disponível em < http://www.paralympic.org/sites/default/files/document/120725114512622_2010_07_16_Stage_1-Classification_Project_Final_report__for_2012_forward.pdf > acessado em 21/03/2013

IPC. IPC Classification Code and International Standards.2007. Disponível em < <http://www.paralympic.org/Classification/Code> > acessado em 21/03/2013.

IPC, IPC HANBOOK Section 1. Disponível em < http://www.paralympic.org/export/sites/default/IPC/IPC_Handbook/Section_i_Preamble.pdf > acessado em 21/03/2013.

IPC, IPC Paralympic Games: Facts and Figures. Disponível em < http://www.paralympic.org/export/sites/default/Media_Centre/Media_Information/2009_07_Paralympic_Games_Facts_andFigures.pdf. 2009 > acessado em 21/03/2013.

ITANI, D.E., ARAUJO, P.F. e ALMEIDA , J.J.G. Esporte Adaptado construído a partir das possibilidades: handebol adaptado. **Lecturas Educación Física y Deportes** (Buenos Aires). , v.1, p.Año 10 - N° 72 -, 2004.

IWRF. IWRF Classification Manual. Disponível em <http://www.iwrf.com/?page=classification>

IWBF. IWBF Player Classification Manual. Disponível em < http://www.iwbf.org/_OLD_JULY_2013/images/!!!Classification/20102014ClassificationManualEnglishVersion.pdf > acessado em 21/03/2013

KHALILI, M. Quantitative sports and functional classification (QSFC) for disabled people with spasticity. **British Journal of Sports Medicine**. 38, n.3, p. 310-313. 2004

MALONE, L., GERVAIS, P. L., STEADWARD, R. D. Shooting mechanics related to player classification and free throw success in wheelchair basketball. **Journal of rehabilitation research and development**, v.39, p.6, p.701-9, 2002.

MOLIK, B., KOSMOL, A., LASKIN, J. J., MORGULEC-ADAMOWICZ, N., SKUCAS, K., DABROWSKA, A., GAJEWSKI, J., ERGUN, N. Wheelchair basketball skill tests : differences between athletes' functional classification level and disability type. **Fizyoterapi Rehabilitasyon**, v. 21, n.1, p. 11-19, 2010.

MOLIK, B., KOSMOL, A., MORGULEC-ADAMOWICZ, N., LASKIN, J. J., JEZIOR, M. Game efficiency of elite female wheelchair basketball players during world championships (gold cup) 2006. **European Journal of Adapted Physical Activity**. v.2, n.2, p.26-38 2009

MOLIK, B., LASKIN, J. J., KOSMOL, A., SKUCAS, K., BIDA, U. Relationship between functional classification levels and anaerobic performance of wheelchair basketball athletes. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 81, n.1, p. 69-73, 2010.

MOLIK, B., LUBELSKA, E., KOXMOL, A., BOGDAN, M., YILLA, A. B., HYLA, E. An examination of the international wheelchair rugby Federation classification system utilizing parameters of offensive game efficiency. **Adapted physical activity quarterly**. 25,n.4,p. 335-51,2008.

MORGULEC-ADAMOWICZ, N., KOSMOL, A., BOGDAN, M., MOLIK, B., RUTKOWSKA, I., BEDNARCZUK, G. Game Efficiency of Wheelchair Rugby Athletes at the 2008 Paralympic Games with Regard to Player Classification. **Human Movement**, v.11, n.1, p. 29-36, 2010.

MORGULEC-ADAMOWICZ, N., KOSMOL, A., MOLIK, B., YILLA, A. B., LASKIN, J. J. Aerobic, anaerobic, and skill performance with regard to classification in wheelchair rugby athletes. **Research quarterly for exercise and sport**, v.82, n.1, p. 61-9, 2011.

PERNOT, H. F. M., LANNEM, M., GEERS, R. P. J., RUIJTERS, E. F. G., BLOEMENDAL, M., SEELLEN, H.M. Validity of the test-table-test for Nordic skiing for classification of paralympic sit-ski sports participants. **Spinal cord**, v.49, n.8, p. 935-41. 2011.

PRUDENTE, J.; GARGANTA, J.; ANGUERA, M. T. Desenho e validação de um sistema de observação no Andebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 4 , n.3, p.49-65. 2004.

RIBEIRO, A.P., RIBEIRO, M.A.: Surgimento e Evolução do Beach Handball no Brasil. **Gráfica Andrade**, Aracaju, SE, 2008.

ROSEN, N. The role of sports in rehabilitation of the handicapped. 2A.Functional levels and classification of handicapped athletes. **Md State Med J**, v. 22, n.5, p. 63-66, 1973(a).

ROSEN, N. The role of sports in rehabilitation of the handicapped. Part 2B: functional levels and classification of handicapped athletes. **Md State Med J**, v.22, n.6, p. 78-80, 1973(b).

SHERRILL, C. Disability Sport and Classification Theory : A New Era. **Adapted physical activity quarterly**, v.16, p.206-215, 1999.

THOMAS, J.; NELSON, J.; SILVERMAN, S. Métodos de pesquisa em atividade física. 6º ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TWEEDY, S. M., VANLANDEWIJCK, Y. C. International Paralympic Committee position stand--background and scientific principles of classification in Paralympic. **British journal of sports medicine**, v.45, n.4, p.259-269, 2011.

VAN EIJSDEN-BESSELING, M. D. (1985). The (non)sense of the present-day classification system of sports for the disabled, regarding paralysed and amputee athletes. **Paraplegia**, v. 23, n.5, p. 288-94, 1985.

VANLANDEWIJCK, Y. C. Integration and Classification Issues in Competitive Sports for Athletes with Disabilities. **Sport Science Review**. v. 5, n.1, p. 65-88, 1996.

VANLANDEWIJCK, Y. Paralympic athlete : handbook of sports medicine and science. In: TWEEDY, S.; HOWE, D. Introduction to the Paralympic Movement. Wiley-Blackwell, 2011.

VANLANDEWIJCK, Y. C., EVAGGELINO, C., DALY, D. D., HOUTTE, S. V., VERELLEN, J., ASPESLAGH, V., HENDRICKX, R. Proportionality in Wheelchair Basketball Classification. **Adapted physical activity quarterly**. v. 20, p. 369-380. 2003.

VANLANDEWIJCK, Y. C., EVAGGELINO, C., DALY, D. J., VERELLEN, J., VAN HOUTTE, S., ASPESLAGH, V., HENDRICKX, R. The relationship between functional potential and field performance in elite female wheelchair basketball players. **Journal of sports sciences**. v. 22, p. 668-675, 2004.

VANLANDEWIJCK, Y. C., SPAEPEN, A. J., LYSSENS, R. J. Relationship Between the Level of Physical Impairment and Sports Performance in Elite Wheelchair Basketball Athletes. **Adapted physical activity quarterly**, v. 12, p. 139-150, 1995.

VANLANDEWIJCK, Y. C., VERELLEN, J., BECKMAN, E., CONNICK, M., TWEEDY, S. M. Trunk strength effect on track wheelchair start: implications for classification. **Medicine and science in sports and exercise**, v. 43, n. 12, p. 2344-51, 2011.

VANLANDEWIJCK, Y. C., VERELLEN, J., TWEEDY, S. Towards evidence-based classification in wheelchair sports: impact of seating position on wheelchair acceleration. **Journal of sports sciences**. v. 29, n. 10, p. 1089-96, 2011.

WICKS, J. R., OLDRIDGE, N., CAMERON, B. J., JONES, N. L. Arm cranking and wheelchair ergometry. **Medicine and science in sports and exercise**, v. 15, n. 3, p. 224-231, 1983.

WU, S. K., WILLIAMS, T. Paralympic Swimming Performance, Impairment, and the Functional Classification System. **Adapted physical activity quarterly**. v. 16, p. 251-270, 1999.

ZWAKHOVEN, B. J., EVAGGELINO, C., DALY, D., VANLANDEWIJCK, Y. An observation protocol for skill proficiency assessment in male wheelchair basketball. **European Bulletin of Adapted Physical Activity**, v. 2, n. 3, 2003.

ANEXO I- Ficha de Classificação

FICHA DE CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL HANDEBOL EM CADEIRA DE RODAS

CLASSE

Nome:			
Equipe:		Idade:	
Diagnóstico:		Nível da Lesão:	
Tempo de Lesão:		Tempo de Prática:	
Classificação em outro esporte:			

Informações Gerais			
Faixas	Deformidade na Coluna:		
Abdominal:		Contraturas:	
Pélvica:		Cirurgias:	
Joelho:		Espasticidade:	
Pés:		Habilidade para ficar em pé:	
Observação:	Habilidade para andar:		
	Nível Sensibilidade:		

Avaliação em cadeira de jogo: () Sim () Não

Força e Amplitude de Movimento

MMSS	FM		ADM	
	D	E	D	E
Ombro				
Flexão				
Extensão				
Abdução				
Adução				
Rot. Medial				
Rot. Lateral				
Abdução H.				
Adução H.				
Cotovelo				
Flexão				
Extensão				
Punho				
Flexão				
Extensão				
Mão				
Preensão Palmar				

MMII	FM		ADM	
	D	E	D	E
Quadril				
Flexão				
Extensão				
Abdução				
Adução				
Rot. Medial				
Rot. Lateral				
Joelho				
Flexão				
Extensão				
Tornozelo				
Flexão Plantar				
Dorsiflexão				

Níveis de Amputação

--

Teste de Tronco

Flexão:		Observação:
Extensão:		
Rotação:		
Lateralização:		
Total:		

Classificado por: _____ Data: ___/___/___

Assinatura: _____

ANEXO II

FICHA DE OBSERVAÇÃO EM QUADRA HANDEBOL EM CADEIRA DE RODAS

HABILIDADE COM A CADEIRA	CLASSES ESPORTIVAS						
	1.0	1.5	2.0	2.5	3.0	3.5	4.0
PROPULSÃO							
Simétrica (duas mãos)							
Assimétrica (com uma das mãos)							
DESLIZAMENTO							
Sem controle de tronco							
Parcial controle de tronco							
Total controle de tronco							
FRENAGEM							
Simétrica (duas mãos)							
Assimétrica (uma das mãos)							

HABILIDADE COM A BOLA	CLASSES ESPORTIVAS						
	1.0	1.5	2.0	2.5	3.0	3.5	4.0
Controle da bola							
CONDUÇÃO							
Com uma mão							
Com alternância das mãos							
PASSE							
Passe de ombro ou retilíneo							
Passe picado							
Passe parabólico							
RECEPÇÃO							
Com uma mão							
Com as duas mãos: alta/ média							
Com as duas mãos: baixa							
ARREMESSO							
Frontal ou de ombro							
Lateral/ Rasteiro							
Parabólico							

Classificado por: _____ Data: ___/___/___

Assinatura: _____

ANEXO III- Termo de Consentimento de Classificação da IWHF.

Eu, _____ atleta da equipe
_____, desejo ser classificado nesse campeonato da IWHF.

Eu entendo que o processo de classificação envolve uma avaliação física, técnica e de observação e que para receber uma classe esportiva eu devo estar disposto a participar de todos os momentos da avaliação e cooperar plenamente com os classificadores.

Eu entendo que ao cumprir a avaliação de classificação completamente, os classificadores da IWHF devem examinar todos os movimentos e grupos musculares relevantes. Eu concordo em me submeter a esses testes, e concordo que os classificadores estão isentos da responsabilidade de eventual dor que eu venha a sofrer ou vivenciar durante a avaliação.

Concordo que os dados coletados são para uso exclusivo do Departamento de Classificação da IWHF e poderão ser utilizados para divulgação científica, contudo a minha identificação será preservada.

Assinatura do atleta: _____

Assinatura da testemunha/técnico/representante do time: _____

Data:

ANEXO IV- Formulário de Protesto

Revisão Formalizada por (Nome)	Entidade	Atleta (Nome do Atleta)
_____	_____	_____

Motivo de encaminhamento de Revisão

Assinatura

Todos os encaminhamentos a Comissão de Classificação deverão estar acompanhados de um depósito em dinheiro no valor de \$?

Horário de recebimento do depósito

Somente para uso da Comissão de Avaliação

Horário de anúncio do	_____ :	Recebido	_____ :
Resultado	_____	(Horas)	_____

Decisão da Comissão de Classificação:

A pessoa que fez o protesto foi informada: Data _____ : _____ Horário _____ :

A comissão de classificação foi avisada: Data _____ : _____ Horário _____ :

Classificador Chefe

ANEXO V- Código de Ética

IWHF Código de Ética para Classificadores

1. Eu sou voluntário a serviço do IWHF.
2. Devo procurar me manter informado sobre estudos e treinamentos para aplicar o melhor das minhas habilidades m política e procedimento das regras da Classificação da IWHF.
3. Devo contribuir para o desenvolvimento e disseminação de guias, políticas e procedimentos das Regras de Classificação da IWHF de atletas da minha nação e internacionalmente.
4. Devo exercer minha função rigorosamente, e não ceder a qualquer pressão econômica, política ou humana.
5. Devo ser capaz de justificar e explicar minhas decisões e dos membros da equipe de classificação de forma equilibrada.
6. Publicamente ou privadamente, respeitar as deliberações dos demais classificadores estando em acordo ou não.
7. Devo:
 - Respeitar todos os atletas, técnicos, apoio, chefes e espectadores.
 - Empenhar-se em obter respeito por todos os classificadores internacionais
 - Respeitar meus companheiros de classificação internacional

Além disso, aceitar minha posição como classificador da IWHF, me comprometendo a:

- Respeitar e manter por esse Código de Ética
- Abster-me de qualquer preconceito relativo à orientação sexual, idade, ideologia política, credo religioso ou nacionalidade.
- Sempre esforçar-me ao realizar minha função como um classificador internacional da IWHF.

Assinatura Candidato

Data:

Assinatura do Chefe de Classificação da IWHF

Data:

ANEXO VI- Ficha de certificação do Classificador

Certificação do Classificador da IWHF

Nome:

Nível atual:

Nível adquirido:

1. Profissionalismo
2. Neutralidade
3. Pontualidade
4. Trabalho em equipe
5. Inglês (falado e escrito)
6. Qualidade organizacional
7. Conhecimento na avaliação muscular, graus de movimentos musculares e níveis de inervação:
8. Habilidade de observação
9. Explicação:
10. Tomada de decisão
11. Diário de campo (log book)
12. Conhecimento das regras e regulamentos da classificação
13. Habilidade em ensinar
14. Experiência

Certificado por:

Torneio:

Comentários:

Data: